O QUE É A EDADE MÉDIA?

MANUEL LUIZ MARTINS

ALUNO DA CADEIRA

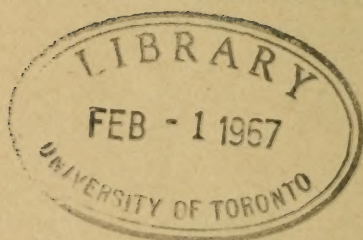
O QUE É A EDADE MÉDIA?

DISSERTAÇÃO SEGUNDO A SABIA ORIENTAÇÃO DO EX.mo PROFESSOR, SR. DR. GONÇALVES CEREJEIRA, NO ANO LECTIVO DE 1916-1917

COIMBRA

IMPRENSA ACADÉMICA

1918

Ofᶜᵉ
O autor

Á MEMÓRIA

DE

MINHA QUERIDA MÃE QUE A MORTE ME ROUBOU

NO DIA 8 DE SETEMBRO DE 1901,

NO TRIGÉSSIMO ANO DA SUA EXISTÊNCIA

« Roga a Deus que teus anos encurtou,
Que tão cedo de cá me leve a ver-te,
Quam cedo de meus olhos te levou.

....
....

« Repousa lá no Ceo eternamente,
E viva eu cá na terra sempre triste. »

CAMÕES.

DIFICULDADES NA EMPRÊSA

É a primeira vez que cometo a grande imprudencia de subscrever ao publico qualquer instrumento dos seus passatempos. — E se ao menos eu isso conseguisse!...

Reconheço bem a precipitação do meu arrojo e a grandeza da minha ousadia.

Mas, por outro lado, alenta-me a confiança na generosidade dos que este pequeno ensaio lerem, pois que saberão relevar as circunstancias em que a tal empreza me aventurei... Não fui a éla levado por incentivos de vaidade, com toda a sinceridade o digo; porque mesmo para ostenta-la fazia mais sentido o meu retraímento. Que esta fosse a minha intenção, o meu propósito, desde que na cadeira de história medieval tirei a minha

frequência, não o nego; fazia mesmo parte do meu plano de trabalhos, mas não no decurso dêste ano, para mim tão cheio de dificuldades e tão complexo em ocupações, embora quasi todas de natureza académica. Em face destas circunstâncias, assaz onerosas, eu aguardava o próximo ano lectivo para a execução dêste meu humilde projecto, esperando já então poder dispôr de mais tempo. Mas... mau foi eu ter aberto o caminho... No convivio com os condiscipulos manifestei-lhe o meu propósito. Começou aqui a minha precipitação. Foi a primeira queda, da qual jámais consegui levantar-me. Constantemente solicitado por êles, decidi-me por fim, não á realisação integral do plano por mim traçado — qual era o de organizar todas as noções de história medieval, colhidas, já na aula, e estas são as principais, já fóra dela, para assim compensar dalguma forma o que nas prelecções me havia escapado, mas sempre a dentro do programa na mesma desenvolvido, que me parece não ter ido além dos tempos de Carlos Magno — mas sim duma pequena parte só, a qual, parecendo insignificante, já representa para mim, não pequeno sacrificio, sob qualquer aspecto que a considerem.

No próximo ano proseguirei até ao fim, se a isso me autorizarem tambem. Feitas estas considerações, cumpre-me prevenir desde já o leitor de que vá dispondo o seu animo, para não ser tão grande a impressão, proveniente dos calafrios gerados á sombra de tantas imperfeições — muitas e de natureza diversa — êrros de redacção, de gramática, de ortografia, de sistematização, etc. Eu próprio as reconheço, escasseando-me porém o tempo para preveni-las.

E agora dá-me para preguntar: — Como serei eu qualificado, quando êste meu ensaio histórico chegar ás mãos dos meus tão sabios mestres?

De impenitente na minha inconsciência? sim! E esta apreciação será bem justa...

Coimbra, 25 de Março de 1918.
Anunciação de Nossa Senhora.

MANUEL LUIZ MARTINS.

PRÓLOGO

É dificil a missão do historiador quando êle se preocupa com fazer história, e não com contar *historias;* quando procura a verdade, investigando, e não a oculta, imaginando; quando fala instruindo, e não inventa corrompendo; quando busca a realidade através o revolvêr criterioso das fontes, e não romantiza a seu arbítrio; quando analisa os factos á luz da crítica imparcial e não os afére pelo contador falaz dos seus interesses e paixões, dando-lhe uma vida toda artificial, toda fantasiada. Sim! A missão do historiador é dificil, sôbre tudo quando, por entre os écos robustos da robusta cadeia dos tempos, uma época surge na vida da historia, infeliz porque a caraterizáram mentindo, e odeando-a, malevolamente lhe graváram na

fronte — que luzes mais resplandecentes que o nosso século fez nascer, acabam de aureolar de glória — o labeu infamante que a condenava a viver eternamente exposta aos insultos duma crítica toda sectária, nos andrajos da miséria e nos antros da escuridão — e isto porque uma vez, porque um dia, uns filósofos, uns publicistas, mal humorados, despertando da letargia dos seus sonhos, reconheceram melhor a fecundidade da sua veia criadora, entendendo desde então fazer déla uma emprêsa lucrativa, uma via de especulação. Mas eu refiro-me à Edade Média, e a sua história está hoje feita em toda a luz. Por isso, a missão do historiador, sôbre tudo do historiador do período medieval, não é hoje dificil, como eu a princípio o havia afirmado, generalisando; pois que a grande tarefa de reconstituição histórica, ultimamente levada a efeito, atingiu as suas mais lisonjeiras proporções. Uma geração nova, sólidamente orientada, pôs, não ha muito, ao serviço das suas maïs consciencíosas observações de verdade, as antigas bibliotecas particulares, essas filhas legítimas da Igreja Católica, êsses anfiteatros eruditos, em cuja espaçosa circunferência, aparecem animados os

oráculos de todas as sciencias, que, para nunca emudecerem, deixáram impressa nos fecundos partos dos seus engenhos, a mais nobre de todas as potências. Nelas se fazem patentes as pátrias e os povos que élas ilustráram com os seus nascimentos, assim como os logares que fôram venerandos depósitos das suas cinzas. Por élas se desterram as sombras dos anacronismos que confundem a verdadeira época dos anos. Por élas se restitue ao seu verdadeiro autor a obra injustamente usurpada pela afectada sciência dos plagiários; por élas se instauram os grandes processos contra os que vendo a realidade a ofuscáram a seu talante, ou procurando-a, se conduziram por um caminho, inteiramente diverso; por élas, finalmente, aos clarões fulgentíssimos da sua luz, as falsas teorias e as lendas, trajando as côres variegadas do orgulho e da paixão, depuzeram as suas roupagens junto do trono da verdade, sôbre a pressão intensíssima dos resplendores que surgiram por entre o pó dos documentos, e através profundas investigações nas urnas dos arquivos.

Os manuais do século XVIII e princípios do século XIX, pelo que respeita ao valor histórico.

acêrca dos tempos medievais, têm, pois, os seus dias contados, e as gerações, suas contemporâneas, que lhes deram crédito, encontráram já, nos povos que imediatamente lhes sucederam, e encontrarão ainda mais nas gerações do futuro, a expressão duma caridade, verdadeiramente cristã, ao reconhecerem o quanto aqueles foram tão cegamente ludibriados. E agora, para prevenção do leitor, devo, desde já, declarar que não me proponho fazer um tratado de história, para não cometer a imprudência de exigir dos meus recursos aquilo que êles não podem dar, nem tão pouco prestar caução. Coligir, ordenar, exprimir alguns conhecimentos, que, graças ao interesse que em mim despertáram as sábias prelecções do tão erudito professor, consegui adquirir de escritores autorizados — eis o fim que tenho em vista, mais do que o de mostrar aos meus condiscípulos, ou a quem estes períodos lêr, as minhas belas qualidades de plagiário... E por bem feliz me tenho já, se ao menos, tal impressão eu conseguir dar aos meus leitores. As prelecções do Sr. Dr. Gonçalves Cerejeira, sôbre história medieval, ao curso de 1917-1918, fôram como que raios de luz que

vieram iluminar o espírito dos que atentamente o ouviam, anciosos da verdade histórica duma época que eles tantas vezes tinham ouvido malevolamente caluniar. Atravéz duma exposição clara e linguagem simples, mas cheia de beleza, duma visão criteriosa dos factos, duma apreciação sincera, e absoluta imparcialidade na análise das circunstâncias, assistiram os discípulos daquele mestre ao despertar dum organismo, dez vezes secular, cuja potência civilizadora, foi interesseiramente ocultada pelos sucedâneos da evolução psicológica, que, pelo pretexto de que se serviu, deu a conhecer em breve ser bem disparatada. Naquelas prelecções, portanto, se começava a aprender o que não se ensinava, ou então mal se aprendia nos bancos das escolas por onde a gente passava.

Vou tentar fazer um trabalho de sintese histórica da época medieval, segundo a orientação das sábias prelecções do erudito professor, e a dentro do programa por êle tratado. Conseguilo-hei? Negativamente respondem a diversidade das minhas ocupações e a escacês dos meus recursos. No entanto, *nunc ad inceptum redeo.*

CAPÍTULO I

O que é a Edade Média?

Os livros das escolas, cópia fiel dos manuais do século XVIII, são unânimes em defini-la: — o período de tempo compreendido entre a quéda do império romano do Ocidente em 476 e a tomada de Constantinopla pelos turcos em 1453. É, pois, um período de dez séculos. Porém, não foi esta a acepção primitiva de tal expressão. Só no século XVII ela começou a significar a ideia com que hoje figura no nosso vocabulário. Nesse sentido a tomou Voltaire e já no século XVI os humanistas. Mas pregunta-se: — Qual a significação primitiva, expressa por essa locução? Vejâmos. A sua origem é toda

filológica, sendo chamada a designar uma das fases da latinidade, e com êste significado passou no vocabulário dos filólogos até ao século XVI. Os cultores das humanidades e os enciclopedistas, mais tarde, obliteráram-lhe o sentido, querendo estes designar pelo vocábulo uma época de profunda barbarie, um período da mais crassa ignorância. Como explicar esta transformação? É simples. Por muito tempo a história e a filologia se irmanavam, caminhando de braços dados, vivendo a mesma vida, usando o mesmo método, visando o mesmo fim. Só o século XV assistiu à separação, constituindo-se desde então em sciencias independentes e autónomas, com seus métodos próprios e fins diferentes. Não admira pois que os historiadores, vindos depois dos filólogos, lhe tenham pedido emprestado o vocabulário, e transportado para os seus estudos palavras que tiveram de modificar a sua significação de origem. Ora os filólogos, estudando o desenvolvimento da língua latina, desde a origem até à época em que viveram, tinham consta-

tado, nessa evolução, várias fases, denominando cada uma delas de um modo especial: a primeira fase era a do *latim classico*, escrito e falado pelos homens de condição mais elevada. Prolonga-se até Constantino Magno.

Com as invasões barbáricas estabelece-se a desordem no mundo romano: tudo muda de aspecto; as instituìções modificam-se. Em seguida a um período caótico, mais ou menos longo, os povos organizam-se sôbre novas bases, e então a lingua latina, até ali falada e escrita em toda a sua pureza, é tambem impregnada de vícios no meio do cáos profundo que se prolonga até Carlos Magno. Tal é a *edade média do latim.*

Com Carlos Magno coíncide o seu desaparecimento dos novos Estados. É nesta época que se organizam as línguas novi-latinas, facto êste que teve como consequência passar o latim a ser uma língua morta. Êste período da sua evolução histórica é a *edade infima do latim.* Como vemos, os filólogos deram a cada uma destas idades o nome que indicava o logar que ocupava cada uma delas no des-

envolvimento histórico da língua de Roma. E assim a palavra — Edade-Média —, no seu verdadeiro sentido etimológico, e na sua primitiva acepção, outra coisa mais não designou que um período da latinidade, estendendo-se entre o reino de Constantino e o de Carlos Magno. Foi êste o primeiro significado com que esta palavra passou na boca dos humanistas, e foi nesse sentido que a tomou Ducange, quando designou o seu notavel dicionário pelo nome de — *Glossarium mediae et infimae latinitatis* (1).

Ora os historiadores, quando transportaram o vocábulo — Edade-Média, para o domínio da historiografia, não se importáram com transformar-lhe o sentido. Tambem para eles, sem outro fundamento que o da imitação, a Edade-Média histórica e política foi êsse período de tempo compreendido entre o reino de Constantino e o de Carlos Magno, e todo o tempo posterior ao

---

(1) G. Kurt, *Qu'est ce que le Moyen Age?*

império dêste último constitue, segundo êles, *a edade infima,* como então se dizia; *a edade moderna,* como hoje dizemos.

Porém, quando a história calcava o seu vocabulário sôbre o da filologia, os humanistas tinham já estendido consideravelmente os limites que êles assinaláram á sua *Edade Média,* fazendo-a avançar até ao século XVI — o que não admira, — pois que êles se propunham fazer a restauração da antiguidade clássica em todas as suas manifestações: na língua, no espirito das suas obras, já scientíficas, já literárias e artísticas, e ainda no espírito das suas instituìções. Para êles só era grande e digno de atenção o que a Grécia e Roma haviam produzido, até mesmo na esfera do Direito. Mas, postos estes princípios, pregunta-se agora: — Que relação haverá entre essa fase histórica da latinidade, desde Constantino a Carlos Magno, e êste período de dez séculos? Frizaremos mais uma vez que do plano da obra dos humanistas fazia parte essencial a restauração da língua latina em toda a sua pureza

e organização, e desta forma êles fundiram numa só as três fases de evolução linguística que precederam a Renascença, chamando a êste conjunto, Edade Média, por ficar compreendida entre os dois termos — *florescença* e *renascimento*. Vemos assim que foi o trabalho dos humanistas que levou a esta designação dos dez séculos. Desde agora, a referida locução começou a designar, mas só no campo da latinidade, o tempo decorrido dêsde Constantino, o Grande, até á Renascença.

Ora ainda desta vez os historiadores não puderam resistir á tentação de adaptar o vocabulo, de uso exclusivo na filologia, à expressão dos seus conceitos. Tomáram-lhe o termo, mas transformáram-lhe a significação. O estudo dos humanistas filólogos levou-os a considerar os dez primeiros séculos como um período intercalado sob o ponto de vista da latinidade. Pois bem. Por um instinto de adaptação, os historiadores passáram também a considerá-lo assim, sob o ponto de vista da civilisação.

Vê-se desta forma, e com mais ou menos clareza, que a expressão referida, na acepção que hoje tem, só fraudulentamente passaria para a linguagem da historiografia: e foi o que sucedeu, não sendo fácil precisar bem o momento em que ela começou a ser usada com esta significação.

O que se sabe de positivo é que já nos meados do século XVIII ela tinha adquirido fóros de cidade no domínio de literatura na acepção em que ainda há pouco era empregada: — *uma edade média, um parentese na história da civilização, um tunel de trevas* entre duas civilizações brilhantes, na fraze de Michelet; *um período de barbarie, e de ignorância*, segundo Voltaire.

Mas porque é que Michelet e os enciclopedistas, legítimos continuadores da sua orientação, designáram assim êste período de dez séculos?

Compreende-se bem. A influencia humanística que só considerava grande o que a antiguidade greco-romana havia produzido, não devia ser indiferente na orientação inte-

lectual das gerações que se lhe seguiram. A Edade Média, pelo contrário, orgulhosa com as suas conquistas, jubilosa pelas suas tradições, esquecera-se desses tempos que divinisáram a matéria, ergueram altares ao vício e á prostituição. A Edade Média, sim, elevára-se ás mais altas regiões da Fé cristã, concentrando todas as suas atenções na cultura do espirito, na grandeza sublimada da sua alma.

A Edade Média não queimou incenso nos altares dos deuses do paganismo, junto dos quais a Antiguidade e a Renascença foram beber toda a sua inspiração. Eram todas materialistas as suas concepções.

Foi em face desta orientação, toda cristã, que os que se deram ao estudo das humanidades em plena Renascença, e mais tarde os filósofos da Enciclopédia a fulmináram de época de barbarie, de um período de retrocesso na história da civilização da humanidade.

¿ Quem duvidará de que havia nisto o intuito de combater o Cristianismo, que

tivera nesta época o seu grande explendor? Ninguem, certamente.

De passagem notaremos que os grandes escritores do século XVIII, aqueles que olhavam os factos com olhos de vêr, sem preconceitos e sem a paixão que cega, que provoca o inconsciente, na França como sôbre tudo na Alemanha, raras vezes se serviram desta palavra, na acepção em que até ha pouco era tomada, ou ainda o é hoje no pensamento de espíritos obcecados e inconscientes — *uma época tenebrosa e fatídica, e a mais calamitosa de todos os tempos*, e, se algumas vezes a empregáram, não foi sem hesitação que o fizeram.

A própria Academia Franceza esperára a 6.ª edição do seu Dicionário, a de 1835, antes de lhe dar direito de cidade no repertório oficial da sua língua (1).

¿ Mas o significado legítimo desta expressão será, ao menos, sob o ponto de vista

---

(1) G. Kurt, ob. cit.

da civilização, o de uma época intermediária, tendo por limites a Antiguidade e a Renascença? Pura falsidade. Tal opinião é improcedente, nada havendo mais injustificável sob o ponto de vista da história. Não! Investigações profundas, trabalhos criteriosos, últimamente levados a efeito, já não podem deixar em dúvida os espíritos, ainda os mais prejudicados, sôbre o conceito a formar dêsse tão vituperado período medieval. Não! A Edade-Média não é um período intermediário separando a civilização antiga da moderna; ela é sim o início dos nossos tempos. ¿Quem ousará controvertê-lo?

A seu tempo, firmado no bastão robusto de escritores, os mais autorizados, e mesmo nas opiniões daqueles que a ninguem podem passar por suspeitos, eu procurarei corroborar com testemunhos fidedignos e factos evidentes, a veracidade das minhas afirmações.

CAPÍTULO II

Lendas da Edade Média

É verdade!... O século XVIII, mais fantasista que investigador, no campo da história; mais sectário que imparcial, no campo das suas investigações; mais apaixonado que consciente, nos seus raciocínios; incrédulo, racionalista, sceptico, anti-religioso — não se cançou de fulminar de época *de ignorância* e *de barbarie* a Edade-Média.

As mais subversivas doutrinas foram nêle propaladas aos quatro ventos da terra, por intermédio dos seus manuais que com carácter oficial foram impostos nas escolas, como elemento de educação das primeiras idades, e a reprodução fiel dêstes em quadros

levou-os à sua livre circulação pelas ruas de Paris.

A Edade-Média para Michelet, que, romantizando, se esqueceu de fazer história, para os seus discípulos, Calvet, Mane, Guiot e Brossolet, que, violando em absoluto as leis da originalidade, preferiram adoptar o regime do plagiato e da imitação; para os enciclopedistas, que, preterindo as mais rudimentares regras da lógica, se dispuzeram a descobrir a verdade pelo caminho da mentira e dos absurdos, aferindo-a pelo contador infiel das suas paixões e interêsses — sim, para todos estes espíritos, bem vasios de senso, a Edade-Média mais não é que um *parêntesis* na história da civilização, um *túnel de trevas* entre duas civilizações brilhantes.

Armáram-se para a combater todos os que tão sectariamente pensavam a seu respeito. Cumprimentáram-na, injuriando-a, insultando-a, fazendo-a a única responsável, pelo seu espírito místico, de todas as calamidades, fulminando-a de perpetradora dos

crimes mais nefandos e horrorosos, dos mais crueis atentados. Enfaixando-a, pois, nas obtusas roupagens da lenda, expuzeram-na assim à irrisão de todos no frontispício dos seus manuais, cujo assunto era constituido pelas teias, sucessivamente urdidas nos arquivos poderosos da sua imaginação. E assim diziam: — «*A Edade-Média é a época dos milenaristas; a Edade-Média foi uma época de fome e de miséria; a Edade-Média marca um período de opressão violenta das classes inferiores em favor dos nobres e dos poderosos; a Edade-Média foi uma época de obscurantismo intelectual e corrução moral; a Edade-Média exerceu o infamante direito do senhor — o direito de prelibação — em virtude do qual os senhores feudais abusavam infamemente das jovens, recentemente casadas, e sujeitas à sua vassalágem, atentando contra o seu pudor e honestidade; finalmente ela chegou a negar a alma à mulher no concílio de Macon*».

Atravéz dum prisma assim modelado, surge-nos toda uma época de barbarie, toda de terrores e de calamidades.

Apoiado nos elementos que pude colher das sábias prelecções do ex.^{mo} professor, e em investigações pessoais, eu vou tentar responder a tais afirmações, a cuja gratuitidade a história fez já a sua devida justiça.

Começarei por desfazer a lenda do Concilio de Macon.

§ 1.º

Concilio de Macon

O que é que se passou nêste concilio? Vejamos.

Houve ali um bispo que levado por certos pruridos de *gramático* extranhou muito que se aplicasse a palavra «homo» a respeito da mulher. Mas tal bispo se deu por convencido, dêsde que lhe mostráram que «homo» é uma palavra epicêna, aplicando-se indistintamente aos dois sexos, comprovando-o com exemplos extraídos da S. Escritura. É na

mesma acepção que nós hoje a empregamos, sem querer exceptuar a mulher. (1)

---

(1) G. Kurt, *Revue des Qu'est Hist;* 10 abril, 1892; Vacandart — *Études de critique et históire religieuse,* 2.ª série, pág. 171; Gregório de Tours, *Hist. Francorum,* VIII, cap. 20; Dr. Gonçalves Cerejeira, *Revista Lusitana,* N.º 3.

Possuimos ainda os 20 cânones do Concilio. Pois bem. Não encontramos neles alguma alusão ao incidente: o que levou G. Kurt. a supôr que êle se tenha dado fóra das sessões oficiais. Quem no-lo refere é Gregório de Tours, que, no logar acima citado, diz assim: «*Extitit enim in hoc synodo quidam ex episcopis qui dicebat mulierem hominem non posse vocitari,*

Guizot, na sua *collection de memoires relatifs à l' histoire de France*, livro I, pág. 449, traduziu assim: «*houve neste synodo um bispo que dizia que se não devia compreender a mulher no nome de homem*».

Gregório de Tours continua. «No entretanto conservou-se tranquilo quando os bispos lhe deram razão, recordando o que ensina o Antigo Testamento, que diz que no começo, quando Deus criou o homem, o criou macho e fêmea, dando-lhe

A lenda é completamente distituida de fundamento. Ignorava Eujene Holand, o primeiro que se atreveu a afirmar como certo o facto dessa questão no Concilio de Macon, que o latim possuia um vocabulo genérico para designar todos os individuos do género humano. A literatura clássica mesmo fornece-nos provas bem evidentes de que tal discussão se não podia ter dado por isso que a doutrina corrente e a opinião de toda a antiguidade era a de que a palavra «homo» se aplicou sempre indiferentemente aos dois sexos. Cicero, Juvenal e mesmo Salustio são testemunhas decisivas que vêem em abono das minhas afirmações. (1)

---

o nome de Adão, isto é: *homem de terra*: e á mulher Eva, e chamou *homem* a ambos. Graças a êstes testemunhos e a vários outros a causa ficou entendida e a questão terminou.

(1) Nam uti genus hominum, compositum ex corpore et anima. Salustio, *Bellum Jugurtinum*. cap. I.

§ 2.º

Os terrores do ano 1000

Uma outra lenda a que o século XVIII deu vulto acêrca da Edade Média, foi a dos milenaristas.

Segundo os seus fáceis conceitos, os povos da Europa toda que viveram no século decimo da era cristã, esperavam apavorados a catastrofe final, aí pelos termos do ano 1000, verificando-se então todas as calamidades de que nos fala o Apocalypse.

Que os povos medievais na sua aflição pela perspectiva de tais horrores, se apressavam, para expiação das suas culpas, a ceder em beneficio da Igreja, todos os seus bens, e que nem ela tinha outro fim em vista, sugerindo-lhes a visão de tão funestos acontecimentos.

É ó próprio Michelet que romantisa, e com muita arte o quadro das angustias

finais. Os continuadores dêle, radicais no seu anti-clericalismo, fôram, cada um segundo o seu engenho e o seu prisma modelador, ampliando o já vasto campo das suas fantasias. O intuito dêles — quem ousará pô-lo em divida — era lançar o descrédito no seio da Igreja, cujo progresso e prosperidade não eram vistos com bons olhos...

Os quadros tétricos de Guiot, Calvet e outros publicistas, apresentam-nos imagens horrorosas de homens e de mulheres com os cabelos desgrenhados, barba hirsuta, os olhos cavados nas orbitas, etc., etc., arrastando todos uma vida de penitencia, de mortificação e de angustias. O que haverá de verdade nestas afirmações tão engenhosas? Nada. Absolutamente nada!

Interrogando os documentos e os cronistas da época, a sciencia da historiografia moderna vem dizer-nos claramente que *os terrores do ano 1000* são uma pura invenção, não existindo jámais. Prova-se com todo o

fundamento e não com argumentos futeis e engenhosos.

O primeiro passo dado pela nova geração de historiadores, no sentido de desfazer êste pavoroso edifício lendário, foi examinar bem os textos que pudessem fornecer-lhes dados seguros e certos àcêrca do fim do mundo, aí pelos fins da ano 1000.

M. Pfister, o professor mais erudito da Universidade da Sorbona, é, segundo Guiraud, o mais profundo historiador da Edade Média. Pois bem. Êste escritor, tão ilustre e afamado, veiu fornecer-nos elementos, mais que suficientes, para deitar por terra tudo o que a imaginação voltaireana havia arquitectado sobre o fim do mundo.

Afirma M. Pfister que de 970 ao ano 1000 nenhum texto existe que nos autorize a admitir que os homens, dados a uma nostalgia profunda e abandonando o trabalho, esperavam angustiados a catástrofe final. Ha, porém, mais. Chegaram até nós 150 Bullas de Pápas, afirma Guiraud, expedidas durante os trinta anos que precederam ime-

diatamente o ano 1000. Nenhuma delas, porém, faz referência, nem sequer de um modo vago, ao fim próximo do mundo.

Prosigamos ainda nesta ordem de argumentos.

De 990 ao ano 1000 celebráram-se 20 concílios; ora, nenhum destes fez referência alguma a esta data final. Em 998 um concílio de Roma inflige ao rei Roberto uma penitência de 7 anos, devendo, portanto, prolongar-se até ao ano 1005, isto é, para alêm do ano de 1000. Era desta forma que a Igreja anunciava o fim do mundo...

Que os povos, entregues a uma indolência pavorosa, mais não faziam que preparar-se para a morte que se lhes antolhava tão desesperadamente; que as guerras e todas as outras formas de actividade económica, política, etc., no meio dessa atmosfera terrorista, tinham sido completamente esquecidas — afirmações são estas verdadeiramente gratuitas, completamente destituidas de fundamento. As guerras continuáram nas suas *démarches* complexas, e a actividade

dos Estados proseguiu no seu caminho, nas aproximações do ano 1000, com tanta intensidade como antes e depois.

O rei Roberto, o Piedoso, envolve-se, nessa ocasião, em guerra aberta com o duque d'Anjou, Foulques de Nérra, e é precisamente em 997 que os normandos sólidamente se organizam para de futuro se protegerem. Procederiam eles desta forma, se apenas contassem com três anos para viver?

Mais ainda. No ano 1000 os concílios estabelecem algumas leis e regulamentos que deviam ser cumpridos nos anos imediatos. Estariam, pois, na espectativa do cataclismo final?

Consideremos tambêm que nos anos que precederam imediatamente o ano 1000, se iniciou a construção de muitos edifícios civis e religiosos, que não podiam ser acabados senão muito depois, isto é, muito alêm do ano 1000. E agora... que mais dizer?

Os argumentos podiam ainda multiplicar-se.

§ 3.º

Miséria

Calvet, Guiot e Mane, legítimos continuadores da obra do mestre, esforçáram-se por pintar ao vivo nos seus quadros românticos as fantasias melodramáticas da sua imaginação.

Compulsando os seus manuais, depáram-se-nos ali figuras de cadáveres de mulheres que pessoas famintas disputam devorar. Volta-se a página, e um outro quadro se nos mostra, representando aldeões comendo cascas de carvalho e herva dos campos.

Compulsando o *Cours Élementaire* de Calvet, deparamos com outras imagens, entre várias, de pessoas amassando com restos de farinha uma terra branca, e fazendo dela pão, para minorar as torturas da fome. Ora, serão estes quadros com todas as suas côres sombrias e horrorosas, a reprodução

fiél da Edade Média, sob o ponto de vista das suas condições económicas?

Entremos no campo da análise; depuremos os factos, despindo-os da roupagem da lenda, e perscrutando-os até ao fundo.

Nas investigações que nos propomos, não poremos de parte o critério que nos aconselha o estudo minucioso das condições do meio em que os fenómenos se realizáram.

Ora, baseados neste critério, notaremos em primeiro logar que na Edade Média escasseavam os meios de transporte. As vias de comunicação eram raras e mal acondicionadas, sucedendo estarem completamente isoladas províncias do mesmo país. Acidentes geográficos consideraveis eram quasi sempre linhas divisórias de dificil acesso sucedendo pois, muitas vezes, que os produtos, superabundantes numa região, não podiam ir fazer face a alguma crise em que se debatia uma localidade visinha, ficando quasi sem útilidade alguma nos logares onde se tinham criado.

As relações estavam reduzidas ao mínimo, sucedendo por vezes, não será de mais repetí-lo, que enquanto uma província vivia na abundância, outras que alguma crise económica ferira profundamente, estavam na miséria, sem possibilidade de se compensarem.

Houve crises no decurso da Edade Média, não o negamos; porêm, não devemos nunca perder de vista, para que não suceda cairmos em afirmações avulsas e sem algum fundamento, que estas foram tão *localizadas quão freqùentes.* Para o provar basta atender à diferença de preços que se constatam no decurso do mesmo ano, sôbre os mesmos géneros, em regiões, todavia, pouco distanciadas.

Assim; em 1198, por exemplo, o hectolitro de trigo vendia-se a 1 fr. 24, em Evreux (1); a 5 fr. 30 em Bernay, e 7 fr. 85, em Argentan.

---

(1) Estes dados são relativos á França, sobre a qual recaíram as investigações de D'Avenel.

Portanto, a menos de 100 quilómetros de distância, os preços variavam do simples ao quintuplo. A abundância reinava em Evreux, e a carestia em Argentan.

Em 1174, o preço do trigo, na provincia de Langdoc, ao sul da França, oscilou entre 5 fr. 40 e 12 fr. o hectolitro, isto é, do simples ao duplo.

Na provincia de Franco-Condado variou entre 4 e 13 fr.; isto é, do simples ao triplo, etc.

Pelo que diz respeito aos salários, as remunerações, quer emergentes do trabalho livre, quer do trabalho *enfeudado,* eram bem superiores ás que se recebem nos nossos dias (1).

Um agricultor, por exemplo, que cultivasse, como arrendatário 7,5 hectares de terra, apenas se constituia na obrigação, para com o senhorío, de fazer a cultura de 50 ares da sua propriedade, e alêm disso,

---

(1) Guiraud, *Hist. partielle et vraie,* vol. I.

a colheita do feno numa extensão de 27 ares de terreno do mesmo senhorío.

Ora, avaliadas em preços actuais, estas diversas operações agricolas representam 5 francos, pelo que respeita à colheita do feno na referida área; e 60 fr., relativamente à cultura dos 50 ares de terreno, se o cultivador não dá a semente; e 85 no caso contrário.

O máximo, portanto, que este trabalho custaria é de 109 fr.; ao passo que a renda correspondente à posse de 7,5 hectares de terra, equivale presentemente a 275 fr; desproporção notável esta, ainda mesmo que se tenha em vista a evolução dos processos culturais.

Pelo que respeita ao trabalho livre, isto é, ao trabalho assalariado, este era tambem melhor remunerado que o é nos nossos tempos.

Quem se entregasse, diz M. D'Avenel (1),

---

(1) *Hist. econom. de la proprieté, des salaires... depuis l'an 1200 junqu'en l'an 1800,* tom. III.

ao trabalho de fazer a história das familias camponezas medievais, apoiando-se nos salários, então oferecidos aos trabalhadores dum e outro sexo, observaria:

— 1) que o homem e a mulher, empregados nos trabalhos dos campos, ganham, cada um, de 1250 a 1375, uma soma, primeiro um pouco inferior, depois quasi igual à que eles ganham hoje;

— 2) que de 1376 a 1500, esses salários foram aumentando consideravelmente, pagando-se, no decurso destes anos mais caro que hoje, etc., etc.

Mas, para mais evidencia, façâmos a história dos preços do trabalho no decurso da Edade Média.

Para o jornaleiro *a sêco*, como hoje vulgarmente se diz, a remuneração do trabalho era, por 250 dias, de 728 fr., no começo do reinado de Carlos VI; elevou-se a 782 fr., de 1404 a 1426; manteve-se em 750 fr., de 1451 a 1475; de 1475 a 1525 elevou-se a 850.

Isto pelo que toca aos trabalhos agrícolas. Quanto ás outras manifestações de

actividade, a remuneração de serviços, para o pedreiro, por exemplo, era, por 225 dias de trabalho, de 950 fr. de hoje (1), no decurso do século XIII. Nos princípios do século XIV essa remuneração desce a 782, subindo em breve a 861, e pouco depois a 1040 fr., de 1376 a 1400. Nos princípios do século XV oscila entre 1085 e 1237 fr.

Como vemos, a remuneração neste ramo da indústria medieval era superior à de nossos dias. E o mesmo se prova com respeito a outros ramos da actividade industrial.

E que é que se averigua relativamente aos preços dos géneros de primeira necessidade naqueles tempos?

É ainda D'Avenel que nos fornece os dados precisos para neste ponto fundamentarmos as nossas afirmações, averiguando-se que o preço dos géneros nos tempos medievais era ainda inferior aos preços de hoje.

---

(1) O franco da Edade Média não valia o mesmo que hoje vale. Para reduzir ao seu valor actual os preços citados, é preciso multiplicá-los por três.

Só me referirei aqui aos principais: ao trigo e à carne. Pois bem. Em face dos dados de D'Avenel averigua-se que no século XII o preço de cada hectolitro de trigo oscilava entre 87 e 90 cêntimos, no departamento do Eure, e 43,50 no do Baixo Rheno.

Em 1441 é de 10 fr. o preço de cada hectolitro, nos mesmos departamentos.

Em Rouen baixa a 6 francos, em 1146; na região de Nancourt a 1 fr., e em 1198, a 1 fr., 24 cêntimos. Nos meados do século XIII, o preço médio do hectolitro de trigo era de 3 fr. 80.

Em vista disto podemos afirmar que o trigo na Edade Média era três vezes mais barato que hoje.

Com respeito ao preço da carne, o mesmo se verifica, pois que de 1301 e 1450 pagava-se por um sexto do preço porque se paga actualmente, sendo considerável o número de rezes abatidas nas diversas cidades.

Podiam multiplicar se ainda as provas e os argumentos desta natureza, apoiados

todos naquele axioma fundamental que nos diz que o bem-estar material dum povo resulta do jogo de três factores: *valor da terra, valor do trabalho* e do *preço dos géneros de primeira necessidade.*

É evidente que, se os salários são elevados, mas o preço das mercadorias ainda o é mais, a fome e a miséria reinarão como soberanas; se ao invés, os salários são baixos, mas correspondem a preços mais baixos no custo das mercadorias, a abundância e o bem-estar reinarão então.

Não é, pois, bastante dizer-se que houve crises económicas na Edade Média; é preciso, primeiro, fazer o estudo das circunstâncias em que élas se manifestaram. E não se sucedem essas crises também nos nossos tempos, revestindo um carácter, ainda mais assombroso?

Nesta ordem de ideias, como deverão as gerações do futuro classificar as de hoje?

Oh! se nos fosse dado desempenhar a missão de historiador!...

§ 4.º

A ignorância na Edade Média

A Edade Média, segundo o critério dos enciplopedistas, foi, não só uma época de barbarie, de fome e de miséria, mas tambêm, e sôbre tudo, um período do mais profundo obscurantismo, da mais crassa ignorância. É com êste significado que o vocábulo passa ainda hoje nos manuais das nossas escolas, mórmente nas de ensino secundário.

Apresentam assim a Edade Média como um *facto doloroso* na história da civilisação! Até uma escritora célebre e nossa contemporânea, acêrca da qual diz Júlio Dantas que ela fôra a maior dos grandes escritores, no seu livro — *A Mulher*, faz a afirmação categórica de que a *Edade Média fôra uma época da mais profunda barbarie e do maior obscurantismo* (1).

---

(1) D. Virgínia de Castro e Almeida — *A Mulher*, pág. 63.

Michelet e mais publicistas do século XVIII compararam os povos e Estados medievais aos povos e Estados mais selvágens da África e da Oceania!

É o critério da mentira nas suas perscrutações de verdade...

Eram raras as escolas, e as que havia destinavam-se apenas à educação dos monges e do clero. Eis o que se afirma. Mas pura falsidade! Em França, o estudo dos períodos Merovíngio e Carlovíngio oferecem-nos argumentos mais que suficientes para desmascararmos até à evidência as afirmações engenhosas dêsses fabricadores de falsas lendas, completamente destituidas de fundamento.

Em face dos documentos — cujas condições de verdade cederam ha pouco aos persistentes esforços de espiritos verdadeiramente investigadores, que empregáram toda a sua actividade em restituir a história à sua legitima missão — averiguamos que os cânones dos concílios, como as capitulares dos reis e dos imperadores dos povos medie-

vais, mostráram sempre o seu zêlo ardente em promover uma larga difusão do ensino, mandando para êsse fim fundar escolas numerosas, não só para os clérigos, mas tambêm para as pessoas de todas as condições sociais. Estas escolas funcionavam junto dos mosteiros, das catedrais, e até junto das mais humildes paróquias de aldeia.

Ensinavam-se aí, não só as sciências metafisicas, mas ainda todos os ramos de sciências profanas.

Sim; a Edade Média — para que dissimila-lo — exerceu uma actividade intelectual verdadeiramente espantosa!

Envolvendo nos pergaminhos da sua infancia o que da civilização antiga escapado havia aos destroços das invasões germânicas, ou *barbaricas,* (sendo bem imprópria esta designação, já o está reconhecendo a crítica moderna) ela entra no fiel desempenho da sua missão histórica com aquela serenidade que costuma traduzir-se em todas as manifestações, talhadas pelos altos designio do Árbitro Supremo.

Ainda mesmo no meio da grande confusão que se seguiu á invasão dos povos germânicos, ela não deixou cair da mão o facho brilhantissimo das suas luzes, correndo com ele áquem e álem, onde a tormenta mais se tinha feito sentir, desnorteando os espiritos.

Foi ela o léme seguro de salvação, no meio dum oceano revoltado; farol de luz resplendecente que os vendavais da Germânia não conseguiram extinguir ou apagar.

No meio da profunda anarquia que se seguiu á morte de Carlos Magno, estendendo-se até á constituição benéfica do regime feudal, anarquia que veiu a ser profundamente agravada pelas subseqùentes invasões normandas, a sua acção, filha legítima da Igreja, não poude ser detida. Não houve obstaculos que ela não superasse, dificuldades que não vencesse.

Proseguindo impávida a sua marcha, tão característicamente histórica, mereceram-lhe especial cuidado a cultura dos espíritos e a formação das vontades. Acolheu ao seu

patrocínio o desenvolvimento das sciências, despertou o gosto pelas letras, o amor pelas artes, o culto pelo ideal, não havendo barreiras que não escalasse, tropeços que não desfizesse, bom grado os seus maiores esforços.

Póde dizer-se que o império de Carlos Magno fez época na história do espírito humano.

Renan (1), que no espírito de ninguem que o conheça póde passar por suspeito nas suas apreciações e no seu modo de vêr, apresenta-nos Carlos Magno, Luís o Pio e Carlos o Calvo como os mais zelosos promotores do renascimento que se operou no século IX.

Não obstante as grandes dificuldades que encontrou no seu govêrno, Luís o Pio, continuando os esforços de seu pai, dá toda a actividade à causa do ensino, pedindo, para o promover, o concurso indispensável da Igreja.

---

(1) *Mélanges réligeuses et historiques.*

« Em 823, conta Baluze (1), relembra êle aos bispos o empenho de fundar escolas naqueles logares onde o exigissem as necessidades dos fieis e do clero ». E no ano seguinte, o episcopado francês, reùnido num concílio em Paris, decreta como um dever de todos os bispos o de fundar escolas junto das suas catedrais.

Por seu turno o Papa Eugénio II escrevia: «Devemos empenhar-nos em preparar pro fessores, capazes de ensinar as artes liberais em todos os bispados e paróquias».

Em 858, Hérard, Arcebispo de Tours, *relembrava* aos seus padres o dever de fundar escolas, nas quais se ensinassem as sciências divinas e humanas, etc., etc. Tal era o empenho que a Igreja mantinha de conservar os povos nas trevas da ignorância!

Fundáram-se por toda a parte numerosas escolas, na Itália, como na França e

---

(1) *Capitularia regum francorum.*

sôbre tudo na Alemanha, as quais se destinavam a ministrar a primeira instrução, e onde as crianças eram admitidas desde os sete anos de idade.

A título de exemplo e confirmação dessa notável efervescência intelectual, podiamos citar a escola episcopal de Angers, em que eram dadas lições públicas de letras, sciências, teologia, e aonde corriam estudantes dos diferentes países; a escola monástica de Colony, na qual o estudo das letras clássicas era tido em tanta consideração que se censurava no abade Pedro o Veneravel a sua admiração entusiástica pelos autores pagãos; a escola monástica de S. Benigue, reformada por S. Guilherme, na qual havia, ao lado da escola dos monges, uma outra, pública e gratuita, aberta a todos aqueles que ali se apresentassem, qualquer que fosse a sua condição — ricos ou pobres, livres ou servos, nobres ou plebeus. E não obstante, a Igreja continua a ser a grande amiga do obscurantismo e das trevas!...

Os cânones obrigavam mesmo os bispos a abrir escolas junto de seus paços (1).

Nas catedrais e mosteiros, afirma Lavisse e Rambaud, (2) ensinavam-se, alêm da teologia, o *trivium* e o *quatrivium* — *gramática retórica dialética; aritmética, geometria, astronomia* e *música*.

Segundo o testemunho veridico destes escritores e outros muitos, houve em França, durante os tempos medievais, centros de cultura florescentissimos, nos quais scintilaram já engenhos e talentos bem notáveis. Haja em vista as grandes academias de Orleans, Liége, Tours e Angers. Nestas floriram e afináram o seu genio romanistas célebres, consumindo as suas energias, gastando toda a sua actividade, no estudo das antiguidades, na investigação do gôsto clássico.

E depois, que dizer dessa tarefa inaudita, desse trabalho insano, pelos Benidictinos

---

(1) Guiraud, *Hist. partielle et vraie*

(2) *Hist. Geral* — tom. II, pág. 547.

levado a efeito, na perscrutação das ruínas, já não fumegantes, da Grécia e de Roma! A resposta obte-la-hemos, interrogando a Academia Franceza das Belas Artes e Inscrições. Mas... ingratidão horrorosa e cegueira maldita! Calunia-se atrozmente a Edade Média, e, não obstante, as gerações actuais servem-se descaradamente das jóias literárias e artísticas que ela nos legou e ensinou a ler!

Foi para nós que os monges gastáram toda a sua vida em profundas investigações arquiológicas, excavando, colhendo e arrecadando os fragmentos duma civilisação que ruíra ao pêso das suas iniquidades, contaminada de vérmes dissolventes, e geradores da morte mais inglória e trágica. Sim, foi para nós que eles passáram os seus dias, debruçados sobre velhos pergaminhos amarelentos, obra prima do génio clássico.

Era a nós que se dirigia um pobre monge, desconhecido, nestas palavras: — «Bons leitores que utilizais êste trabalho; peço-vos

não vos esqueçais daquele que o copiou; era um pobre monge de nome Luís; e emquanto transcrevia êste volume, trazido de um país estrangeiro, tinha frio e terminou de noite o que não pudera transcrever à luz do dia. Mas vós, Senhor, sereis para êle digna recompensa do seu trabalho.»

A Edade Média, informada pela Igreja, longe de ser *um parêntesis doloroso* na história da civilização, como a consideráram, uns, malévolamente; por ignorância outros; ela foi a grande educadora do mundo, a grande mestra, aquéla a quem pertence o nobre condão de ter embalado a juventude das modernas civilizações, com a sua potência organizadora, com o seu espírito de unidade universal, com o sincretismo da sua fecunda assimilação.

Na sua tão legítima ambição de edificar por meio da cultura do espírito, impuzera aos monges a obrigação do estudo, fundando por toda a parte escolas e institutos: nos mosteiros, nos conventos, e até junto das mais humildes paróquias de aldeia.

Traduz-se por toda a parte uma opulenta efloração literária, no seio da Igreja, efloração que vinha já de longe. Poetas, como Ausónio e Paulíno, Prudêncio e Claudiano; polígrafos, como Símacho e S. Jerónimo; oradores, como Santo Agostinho; exegetas, como Orígenes; sábios, como Gregório de Nyssa; cultíssimos espíritos, como S. Basílio e S. Gregório Nanzianzeno.

Isto, pelo que respeita à actividade intelectual que a Edade Média desenvolveu.

Mas, sob o ponto de vista do gôsto artístico, do ideal estético, será talvez apagada a sua história? Não, responde eloqùentemente a magnificência, a grandeza dessas portentosas maravilhas do génio que se chamam as catedrais góticas.

Pois quê, não são elas a expressão duma potente civilização, em nada inferior à dos nossos tempos? Não foram elas inspiradas num pensamento artístico tão fino, tão deli cado, tão sublime, que nem sequer jámais conseguiu ser imitado? Não foram elas executadas segundo as regras da arte, e

aqueles que as construíram não conheciam perfeitamente as leis da matemática, da mecânica e da física?

Oh! Grandezas maravilhosas aquelas que se encerram nesses monumentos magestosos que num esforço de fé religiosa galgavam para o Ceu, e junto dos quais as gerações dum passado a eles posterior e as do futuro têm ído e continuarão a ir beber o nectar precioso das mais sublimes inspirações!

Essas obras grandiosas, levantadas da terra pela mão robusta da crença, conquistáram maior elevação, ilumináram-se mais por efeito dos reflexos variegados de vitrais resplandentes, atingindo maior altura, voando para o Infinito.

Na arte gótica estava encarnada uma forma de arquitectura, que, sem falar nas principais obra primas da arquitectura civil, dera à arte religiosa a mais alta expressão da beleza. As catedrais de Reims, Notre-Dame de París, Chartres, Amiens e Anvers são, na frase de Salomão Reinach, a verdadeira obra prima do espírito humano.

E entre nós surge veneranda, na sua velhice «rejuvenescente», embalada nos pergaminhos da Pátria, ao sôpro das idades, a Igreja de Santa Maria das Vitórias!

As melhores construções artísticas que hoje possuímos são as que a Edade Média nos legou, sob as duas modalidades mais importantes do estilo: o românico e o ogival; construções estas que tiveram o seu berço, na sua maior parte, nos flancos vigorosos do século XIII, considerado por Rogério Peyre (1) como o século de maior beleza da Edade Média e um dos mais belos da civilização.

É ainda interessante o testemunho de Chamberlain sôbre o tão repugnante *obscurantismo medieval.*

Cumpre, em primeiro logar, advertir que Chamberlain é um protestante, e por isso não poderá ser tido como suspeito.

Pois bem. Êste afamado escritor, embora laborando em êrro, emquanto afirma que a

(1) *Hist. General des Beaux Arts.*

Edade Média formára uma civilização nova, calcada sómente sôbre elementos germânicos, não teme o arrojo de contestar áqueles que afirmam que na antiguidade houvera mais beleza e mais arte, a superioridade graciosa e artística do período medieval.

A arte dos tempos mediévicos, continua o ilustre escritor, rivalisa com a arte clássica em plano não inferior.

A catedral de Reims não será dum modo especial a expressão dum génio, jámais excedido e nem sequer igualado?

Elias Picaut e Carlos Baude (1) afirmam categóricamente que o artista medieval se mostrára mais portentoso, mais sábio que os artistas romanos. Cesar Cantu acrescenta: «Os arquitectos da época ogival, de que zombamos com tanta leviandade, souberam fazer o que fora impossível aos séculos de Leão X, de Luís XIV e Napoleão. Eles criaram um género de beleza mais elevado

(1) *L'Art*, pág. 116.

e espiritual». Leclerque prosegue: «Um ideal novo aparece; não é já a nudez do corpo, contente de viver em conformidade com a natureza que o cerca, é a alma purificada, impaciente de viver no seio de Deus».

Não. A Edade Moderna não conseguiu elevar-se a tão altas concepções de espírito, nem produzir iguais monumentos de arte, tão soberbos, tão magestosos.

Claro é que, e devemos frizar bem êste ponto, a Edade Média não podia pleitear com todas as manifestações intelectuais dos nossos dias; não obstante, pode dizer-se que ela teve o alto culto do saber. Nós, os novos, afirma Rogério Bacon, somos a herança de tudo o que a Edade Média produziu. Devemos levar ainda em linha de conta que ela não dispunha dos meios de que dispõem os nossos tempos, para a realização mais fácil da sua actividade e propagação da sua obra. Faltava-lhe a imprensa, que ela ainda avistára, mas só de longe, escasseando-lhe, além disso, os meios de transporte e vários outros

processos para a necessária divulgação da sua emprêsa civilizadora.

Para que dissimular a verdade?

A Edade Média realizou a grande obra de reconciliação de elementos de civilizações carateristicamente diversas; fecundou, chocou todo o movimento social que se lhe seguiu.

A Edade Moderna é de si própria uma derivação: pela sua fé religiosa, pelo seu direito, em grande parte; pelas suas ideias políticas, definidas no constitucionalismo e no govêrno representativo — duas coisas que a Antiguidade ignorou e que são hoje uma condição essencial da existência política das sociedades; a Edade Moderna deriva ainda de si pelo fundamental princípio das nacionalidades, pelo organismo das suas línguas, pelo espírito da sua arte, pelo sistema e carácter da sua literatura, aliada ao movimento tradicional, às regras provençais e aos processos medievais. Finalmente, deriva dela ainda pela estrutura da própria organização económica.

Hoje, numa época em que as sciencias históricas tem já realizado tão consoladores progressos nas conquistas da verdade, não póde já restar dúvida no espírito de ninguem, que não tenha a paixão por motor impulsivo das suas falculdades — que a Edade Média foi um período notável de elaboração intelectual; personificou uma actividade de espírito, verdadeiramente espantosa, apreciada através o cadinho da mais fina crítica, em face dos documentos, partos fecundos de tenazes esforços contemporâneos de nós; a Edade Média teve o culto do Belo, das Sciencias, das Letras e das Artes.

É notável que todas as Universidades modernas ali vão beber a sua orígem. Haja em vista as famosas Universidades de Oxford, Cambridge, e a grande Universidade francêsa, que, segundo o testemunho fidedigno de historiadores abalisados, era no decurso do século XIII, freqùentada por 30:000 estudantes.

*

* *

Foi ainda na Edade Média que a filosofia se separou da teologia. A razão humana passou a ter um campo de acção definido, autonomo, mesmo nos domínios da Religião Revelada, organisando-se a filosofia em sciencia independente.

É Ozanan (1) quem nos vem afirmar que o século XIII, que representa o tríumfo da filosofia escolástica, presidira à separação das duas sciencias — teologia e filosofia. O *magister dixit,* não mais se repetiu — e tudo isto se fez por vontade da Igreja, que desde então ficou tendo sôbre a filosofia apenas uma superioridade maternal, com relações de mútuo auxílio.

Êste facto é verdadeiramente assombroso na história do espírito humano. Salomão Reinach curva-se de admiração perante o

---

(1) *Dante et la filosofie catholique dans le troisième siècle,* pág. 74.

culto elevado que pela razão houvera na Edade Média, não obstante alguns autores afirmarem que a Igreja atrofiára o espírito, por causa da grande pressão que exercera, motivada pelas heresias.

Pura falsidade! As heresias — quem ha que o ignore? — são comuns a todos os tempos, e foi um membro da Igreja que uma vez disse que os homens deviam ser levados mais pela convicção do que pela violencia. Haveria abusos? O contrário seria para admirar, pois que a experiência atesta e a história tem mostrado à evidência que elas tambem são comuns a todas as idades, contemporâneas de todas as épocas. Um facto notamos ainda que chama a atenção dos críticos para uma apreciação mais consciente e reflectida da grande obra da Edade Média — é o de ela ter presidido à organização das línguas modernas, que são hoje o instrumento das literaturas.

A Edade Média assistiu ainda à elaboração da *poesia provençal* que na arte não é nada inferior à *clássica*, e que, ainda mesmo

no meio do entusiasmo febril que cortejou os primeiros alvôres da Renascença, não perdeu de todo a sua individualidade histórica, a sua feição pessoal, a sua estética.

Os écos longínquos da tradição medieval não deixáram de repercurtir-se ainda mesmo no meio dessa quási *veneração* pelas civilizações da Antiguidade.

Os chamados «poetas da medida velha» são-no, na verdade, pela sua fidelidade às formas da poesia provençal. As mais scintilantes fulgurações, a mais pura consagração do ideal, a mais alta concepção da Belesa e da Arte, resume-as, concretiza-as a Edade Média nessa obra imortal, a *Divina Comédia*, a flor de todo o seu esforço artístico, um scenário de preciosidades, um repositório de maravilhas, a repercursão grandiosa da história de quasi dez séculos de civilização. Os seus tercetos são escadas de ouro, como as agulhas das catedrais góticas são *Ave-Marias* resadas em pedra transparente e leve; são como fumo de incenso. Sim! As catedrais góticas são tambem verdadeiras epopeias do génio, cuja

inspiração é o que ha de mais sublime e elevado. Elas topetavam com o Ceu; submergiam-se no oceano do Infinito.

Ali se encontram reproduzidos todos os conhecimentos medievais.

De passagem direi que todas as críticas feitas à arte medieval recàem sôbre a feição da sua escultura, afirmando alguns escritores que ela só representa a dôr e o sofrimento. Reinach, porém, apenas nota uma diferença: — é o facto da escultura medieval estar vestida e a da Renascença, a pagã, estar nua.

*

* *

Sob o ponto de vista scientífico, tambem não póde dizer-se que actividade da Edade Mêdia fôsse insignificante, ao depararmos com nomes como os de Nicolau e J. de Pisa, os grandes matemáticos; S. Nicolau de Cusa, o descobridor do movimento diurno da terra; Rogério Bacon, o introdutor do movimento scientífico, etc.

Rogério Bacon é, segundo a expressão de Renan (1), o príncipe do pensamento na Edade Média e um positivista *à sa manière.*

A êle devemos uma obra de crítica admirável àcêrca do ensino em voga no seu tempo.

Na obscuridade do laboratório, continua Ozanan, Rogério Bacon teve uma visão nítida do futuro: — « Póde-se, diz êle, fazer brotar do bronze raios mais espantosos que os da natureza; uma pequena porção de matéria, preparada em certas condições, produz explosão estrondosa, acompanhada duma luz viva e esplendorosa. Êste fenómeno pode repetir-se numa intensidade sempre crescente, a ponto de destruir uma armada, uma cidade. A arte póde construir instrumentos de navegação, tais que os maiores navios governados por simples homens, percorram os rios e os mares», etc., etc.

---

(1) Ozanan, ob. cit.

Razão tinha Olavo Bilac para assim se exprimir àcêrca da obra da Edade Média: — «Esta grande época da história, tão mal estudada, tem sido atrozmente caluniada. Quem diz Edade Média quer dizer: *síncope da civilização, túnel de trevas entre duas passagens luminosas, uma parada do progresso humano.*

No entanto, foi esta época que assistiu ao desabrochar da indústria e da caridade, as duas fontes de que afluem o trabalho para os válidos e o amparo para os inválidos. Todo o conforto que nós hoje fruímos é um resultado das invenções dessa éra, tão injustamente malsinada. O papel, a bússola, o relógio, o calcetamento e a iluminação das ruas, os espelhos, as rendas, as gravuras — nasceram nestes séculos que chamamos barbaros, sendo ainda a Edade Média que lançou o fundamento dos primeiros hospitais e asílos para as crianças e para os velhos» (1).

---

(1) D. Quixote — *Conferencias literarias*, 192.

Em resumo: a Edade Média é, aos olhos da moderna sciencia histórica, o período embriológico das modernas civilizações. Lá nasceram todas as ideias nobres e fecundas que a caraterisam, todas as conquistas fundamentais que a enobrecem (1).

§ 5.º

Feudalismo

Àcêrca do feudalismo diz Taine: — « Emfim, depois de tantos séculos, eis em cada cantão homens armados, uma tropa sedentária, capaz de resistir à invasão dos normandos. D'ora àvante já não se temerá o estrangeiro. Ao cabo de um século, esta Europa, antes exposta a contínuos assaltos, organizada sôbre as bases do feudalismo, conseguiu lançar nas cruzadas do Oriente um contingente de 30:000 homens...».

(1) Guiraud, *Hist. partielle et vraie.*

É assim que Taine reconhece a necessidade histórica dessa instituìção benéfica; os benefícios e vantágens que ela prestou à civilização.

Qual seria o destino da Europa sem a sua existência? Qual a sorte das civilizações nascentes, no seu encontro com o ímpeto convulsivo das invasões normandas? Como é que as civilizações ocidentais poderiam participar tão cedo das civilizações do Oriente? Como restabelecer a ordem e a paz no mundo da Edade Média, no meio das perturbações, tantas vezes provocadas pelas classes e senhores ambiciosos?

Acusam o feudalismo de ser uma instituìção odiosa, uma exploração violenta das classes inferiores em favor dos nobres, e dos poderosos.

Não vai até aí a verdade.

Não basta registar os factos; é necessário mais; é preciso tambem interpretá-los, — e nisto consiste a principal tarefa do historiador, — à luz dum critério imparcial e seguro, prudente e reflectido, harmonizando-se com

as condições do meio em que tais factos se verificáram.

Tourville (1) considera o feudalismo uma instituìção necessária e a época mais feliz da nossa história.

O feudalismo é, segundo a sua opinião, a verdadeira expressão das necessidades da época em que êle se desenvolveu. « Num período da mais profunda anarquia, quando o poder rial carecia de prestígio, por meio do qual se impuzesse aos povos sujeitos ao seu domínio, necessário era haver por toda a parte uma *èlíte* aristocrática que se fizesse respeitar por meio da fôrça, para desta forma poder conter a clásse média em seus desmandos ».

A Europa Ocidental não se teria salvado do furor das invasões normandas sem esta instituìção, sendo ainda à sombra do feudalismo que nasceram e se desenvolveram as grandes instituìções medievais.

---

(1) *Hist. de la formacion particulariste em France.*

Os senhores feudais abusáram, é certo, quando deixáram de prestar os serviços protectores para que fôram instituídos.

Não obstante, porém, esta instituíção foi legítima na sua orígem.

À sombra dela se organizáram as sociedades modernas; os Estados prosperáram e engrandeceram-se; e as literaturas tornáram-se conscientes da sua missão histórica.

É vulgar ouvir dizer-se que os senhores feudais eram guerreiros crueis, homens brutais e ferozes.

Ora o que é certo é que a Edade Média, diz Guiraud, transmitiu-nos a lembrança de príncipes justos e honestos que se esforçáram por fazer reinar sempre em torno de si a paz, a boa ordem, a justiça, a eqùidade. No domínio das letras mesmo, a sua importância é bem clara e manifesta.

A poesia cortezã, que na Edade Média atingiu o seu maior desenvolvimento, vai beber a sua fundamental origem à côrte amorosa dos príncipes feudais.

Os romances de *Cavalaria*, as *Canções de Gesta* e outras manifestações literárias medievais foram tambem, indubitávelmente, inspiradas nos feitos heroicos da instituìção feudal; tiveram lá a sua origem histórica.

Os destinos da poesia provençal languedociana confundem-se com a nobreza dos povos meridionais.

*

*   *

Quanto ao «pretendido direito de prelibação», já hoje ninguem ousa pôr em dúvida a necessidade da sua argùição de falsidade.

Dos textos legislativos nada se consegue inferir a tal respeito (1). É uma lenda destituìda de todo o fundamento o quadro sombrio dêste «direito do senhor».

Abusos houve no longo período da Edade Média e épocas de decadência moral; porém

---

(1) Vid. *Revue des Quest. hist.*, tom. I, pág. 95.

o rebaixamento das consciências nunca foi até ao ponto de consagrar legalmente a violação da virtude inerme e frágil.

Smedt e Luís Veillot desfizeram desde há muito a ignóbil lenda do direito de *prelibação.*

A arte medieval deixou-nos em pequeníssimas obras primas uma imágem tão pura, tão espiritual da mulher, que nunca o mundo viu outra (1).

E depois, como é que a Igreja Católica, que fez sempre da virgindade o maior título de glória dos dois sexos; a Igreja, que chega a condenar um simples olhar, um pensamento mau contra a castidade; ela que sustentou acêsos e repetidos combates contra os reis e os grandes da terra, tendo em vista a defêsa da inviolabilidade do vínculo conjugal — sim, como é que a Igreja teria fechado os olhos em face duma prática que fazia do homem um bruto e da mulher uma prêsa?

---

(1) Dr. Gonçalves Cerejeira, ob. cit.

Teria ela, porventura, guardado silêncio, em face do adultério, elevado à categoria de instituìção pública, em prol dalguns senhores libidinosos? (1)

É completamente destituìda de fundamento a afirmação de que na Edade Média a imoralidade fôra cavada pelo Catolicismo, como tão pouco escrupulosamente o afirma a Sr.ª D. Virgínia de Castro e Almeida no seu livro — *A Mulher.*

Não! O Catolicismo da Edade Média, que é o Catolicismo dos nossos dias, longe de favorecer a imoralidade, foi o seu mais terrivel e acérrimo combatente. Foi Êle o grande poder espiritual que soergueu as almas acima das paixões grosseiras e mesquinhas. Foi Êle que levantou os mosteiros, onde a moralidade encontrou um abrigo e a corrução um obstáculo. Foi Êle por último, que se impoz aos reis na defêsa do

---

(1) Louis Veillot — *Le droit du seigneur au moyen age.*

tálamo das mulheres legítimas. Acima de tudo punha-se a honra da mulher.

§ 6.º

A lépra

Disse-se finalmente que a lépra, êsse flagelo terrivel que afligíra e vitimára muitos dos povos medievais, fôra uma importação dos cruzados, no decurso das suas peregrinações pelo Oriente.

Ainda aqui mais uma vez se diverte e brinca a fantasia de Michelet; mas uma vez mais tambêm se define claramente a gratuitidade das suas afirmações.

O facto da lépra nos povos ocidentais é muito anterior á época das Cruzadas. Houve relações com o Oriente dêsde o primeiro século de Roma, e, antes que estas abrissem o caminho ás relações dos povos ocidentais com os do Levante, já aqueles se tinham encontrado com os árabes.

Como se compreende, pois, que tenham sido as Cruzadas a causa determinante da lépra no Ocidente?

No século IV, afirma G. Kurt. (1), tinha-se ela já derramado por toda a Europa do Oeste, alastrando-se ali até ao século XII; facto êste que preocupou muitas vezes, e sériamente, a Igreja, o Estado e a caridade privada. Celso refere-se já á lépra como existindo no mundo romano. Sulpicio Severo e outros fazem-lhe também referências, reportando-a aos tempos imperiais.

Nem tão pouco se prova que as Cruzadas contribuíssem para aumentar o número dos leprosos.

*

*   *

Mas isto ainda não é tudo!...

Enganam-se os homens nos seus conceitos, nos seus juízos e apreciações.

---

(1) La lépre en Occident avant les croisades.

Que fazer quando a mentira abertamente se manifesta? .. Calar?

Ah! isso não!... Parece mal!... É uma nota discordante!... e a nossa vaidade melindra-se.

Que fazer pois? Lançar mão doutros recursos... contanto que sejam... *ilegitimos.*

Ao menos dizem-se coisas, para não se estar calado...

A lépra, disseram então, foi, nem mais nem menos, uma conseqùência da pouca limpeza que se observava nos povos medievais; estado êste que Michelet chamou *a horrivel imundicie, devido à falta de banhos —pas de bains pendant 1000 ans.* (1)

A Edade Média surge-nos assim como verdadeiramente retrograda, como refratária a todos as leis sôbre decôro e decência. Mais uma infelicidade, mais um produto. das fantasias humanas! Pois que o próprio

(1) O art, Les bains en Lecoy de La Marche.

Michelet, que se havia á pouco perdido em abstracções, mal intencionadas, mais uma vez se esquece do que tinha afirmado.

Alegando, ora engano, ora ignorancia, dá o dito por não dito, romantizando com arte o quadro dos págens da Edade Média, acompanhando as damas da côrte aos edifícios de banhos.

São assim os homens! ...

Ora, prova-se ao contrário que nos Estados medievais não houve cidade alguma que não tivesse o seu edifício de banhos. É o que se tem apurado por intermédio de investigações profundas, recentemente levadas a efeito.

Mas é tempo de encerrar êste capítulo do meu trabalho, e termino-o, dizendo que a história deve ter por missão registar os factos e interpreta-los atravez o cadinho da mais fina crítica, imparcial sempre, sempre desapaixonada, e não enveredar pelo caminho da mentira, erigindo-lhe templos e altares.

CAPÍTULO III

A Edade Média, uma época orgânica

Lançado por terra êsse edifício pavoroso de falsas lendas, irritantemente construido pelos anticlericais do século XVIII, sôbre falsos conceitos ácêrca da civilisação dos tempos medievais, vou agora chamar a atenção do leitor para outro ponto de vista, importantissimo tambêm: é que essa Edade, tão atrozmente caluniada, muito longe de ser uma época de crise, um período de lucta entre elementos antagónicos, irreconciliáveis, como a apresentáram, mendigante e andrajosa, *foi sôbre tudo um período da mais salutar e profunda organisação.*

A civilisação moderna tem nela as suas origens.

Prova-se:

a) sob o ponto de vista religioso;
b) » » » » » político;
c) » » » » » do direito individual;
d) » » » » » artístico;
e) » » » » » scientífico, até certo ponto.

A Edade Média é uma época orgânica. Esta verdade, quem ousará hoje contestá-la?

Tudo o que a sociedade moderna possue de durável e de fecundo, no campo das instituìções como no das ideias, mergulha as suas raizes nos flancos misteriosos desses primeiros séculos cristãos.

A Edade Média é no seu primeiro aspecto uma época de activa fermentação, de incubação fecunda, que, desabrochando, floriu os tempos modernos.

A Edade Média não foi, como muitos sustentáram, *uma época de lucta entre elementos de civilizações diferentes — o elemento romano, christão e germânico.*

Não. Não foi dessa lucta, porque lucta não houve, que resultou *a civilização nova,* que Chamberlain reporta ao século XII,

esteiando-a simplesmente em elementos da civilização germânica.

A Edade Média, repito, foi em essência uma época de reconstituìção e de síntese intensíssimas, desempenhando bem nobremente a elevada missão de harmonizadora, no meio do conflito que devia necessàriamente produzir-se por efeito de um choque de civilizações heterogénias.

Tal foi o período das origens da civilização medieval, que se prolonga, digâmo-lo de passágem, até Carlos Magno.

Êstes primeiros séculos assistem, mas não já das alturas do Capitólio, aos últimos suspiros do império romano, que, ha muito, se vinham exalando por entre aromas e devassidões.

No meio dêsse mundo, que ruidosamente se precipita, a Igreja eleva-se como farol resplandecente, recolhendo cuidadosamente o que escapado havia, no meio do grande cataclismo imperial. Foi com Carlos Magno que a Edade Média começou a revelar claramente a sua potência civilizadora.

Nos seus primeiros anos, ainda no seu berço, ela colhe, sintetisa, fermenta e vai já harmonizando. Mais tarde, nos séculos IX e imediatos, elabora, organiza, combina, constituindo então uma *civilização nova, una, homogénea.* Por fim, carateriza-se, define-se, tomando uma feição própria, um cunho de individualidade, que a torna cada vez mais consciente da sua missão histórica.

Apresenta-se-nos assim: primeiro, como uma época de fermentação, de elaboração intelectual e moral. Mais tarde, dando origem á *nova civilização,* no século IX e X, e não no século XII, como pretende Chamberlain nas suas opiniões de germanófilo, afirmando que a civilização moderna é a unica herdeira da civilização medieval, mas só por intermédio de elementos germânicos.

A seu tempo, mas não ainda nesta primeira parte do trabalho que me proponho, eu farei, — pelo menos é intenção minha faze-la — a exposição das suas teorias a respeito da civilização medieval, advertindo, desde já, que a opinião dêste escritor, fazendo

derivar a civilização moderna de elementos, exclusivamente germânicos, é inexacta; pois que Chamberlain se esquece dos cruzamentos que se realisáram entre os diversos povos e da inferioridade, em número, dos povos germânicos, em face dos vencidos; dos meios de comunicação das Gálias com a Germânia, a partir de Carlos Magno, sendo tambem complectamente destituido de fundamento *o cáos étnico* a que êle se refere.

Que a sua opinião está longe da verdade, provam-no ainda as seguintes palavras de Bédier, explicando as origens da lenda de Raúl de Cambrai; «*elle s'est dégagée spontanément aux* IX *et* X *siécles dans l'immense et tumultueux cahos oú s'est constitué le vraie mogen age.*» (1)

Mas voltemos a insistir na análise dos tempos medievais, considerados como uma época orgânica na história da civilização.

---

(1) *Légendes épiques,* — tom. II pág. 334.

Acabamos de ver que é anti-histórica a opinião de Chamberlain, de que a Edade Média formára uma *civilização nova*, mas só depois duma crise de longos anos, de grandes luctas entre elementos de civilizações diferentes; sendo tambem falsa a sua opinião de que não é a civilização medieval, na sua primeira fase, que inicia os tempos modernos, mas sim, a potência civilizadora dos germânos que só no século XII se manifestára em toda a sua plenitude.

Vimos já a inverosimilhança dos seus argumentos, retorquindo-lhe agora que a nossa civilização vem da Edade Média, sim, mas não exclusivamente de elementos germânicos, e que a sua origem é anterior ao século XII.

Foi sem dúvida a Edade Média que lançou as bases das civilizações modernas, pela harmonia que estabeleceu entre elementos de civilizações estranhas, aproximando-os, conjugando-os.

E quando esses novos organismos já eram um facto, não cedeu ao seu direito

de acção e influência sobre êles o perpassar tumultuoso dos séculos, surgindo atravez modificações várias os organismos das novas sociedades.

¿Em que época precisa se constituem?

Não é facil determiná-la, nem isso foi obra dum momento. O que está averiguado é que foi em tempos anteriores ao século XII. A Edade Média, repito, e necessidade terei de o repetir mais vezes no decurso do meu trabalho, não foi uma época de crise, mas uma época criadora, um período de síntese e de admiravel actividade intelectual, no caminho das sciências, das letras e das artes.

E. Demolin atesta a originalidade da Edade Média, sôbre tudo no domínio da arte, criando estílos que não foram excedidos pela Renascença.

É na opinião do próprio Chamberlain que a Renascença passa como nada tendo acrescentado à arte, como sendo *uma quiméra*, e a atrofiadora das forças e do génio medieval.

¡Que a Edade Média fôra uma época estéril!...

Irritante falsidade! Pois que ela foi principalmente e sôbre tudo uma época grandiosa, esforçando-se por estabelecer a harmonia entre elementos antagónicos, tendo em mira fazer dêles um todo homogénio. Na Edade Média há uma só alma, um só ideal colectivo.

Na realisação dêste ideal supremo, os povos caminham de braços dados, atravez as sendas da história. Foi a Edade Média que formou essa instituìção universal que os sociólogos e políticos dos nossos tempos admiram: — a *Grande Sociedade Cristã.* Ela refundiu todos os elementos, tudo o que de bom poude colher, resultando daí toda uma unidade moral, religiosa e política que é o maior título de glória dos tempos medievais.

Essa unidade, donde raiou em toda a plenitude do seu esplendor, a história do mundo moderno, é o que os sociólogos chamam a «Cristandade».

Em si reinou sempre um ideal colectivo, uma união de esforços, um fulcro comum de actividade — o Papado.

A esta instituíção admirável que animou todas as energias humanas, se deve entre tantos beneficios, o de ter salvado a Europa contra as pretenções dos turcos, fazendo-os depôr as suas armas, sôbre tudo na batalha de Lepanto.

Foi ainda êste facto grandioso da unidade moral na Edade Média que pôs no Oriente o grande movimento das cruzadas.

A. Comte admira-a, afirmando que a diplomacia moderna a substituíra, mas em plano muito inferior.

Organizáram-se tambem os novos Estados, passando a haver dentro de cada um, dois poderes: um político, religioso, outro, apoiados sôbre as bases duma separação, mas auxiliando-se mútuamente. Foi êste o grande avanço no campo das instituìções políticas e religiosas.

No campo do pensamento a sua influência foi tambem flagrante.

Nos nossos dias, os espíritos degladiam-se na arena dos princípios, no campo das *supostas* verdades fundamentais, extremando-se ali a área dos naturalistas, dos católicos, dos não católicos, etc., etc. A Edade Média, porém, estabelecendo um acôrdo perfeito entre todas as manifestações do espírito humano, não conheceu esta lucta. Harmonizou a Teologia com a Filosofia, definindo os direitos da razão e da Fé.

Foi na Edade Média, acusada de atrofiadora do espírito humano, que o *magister dixit*, notem bem os livres pensadores, foi banido do campo da Filosofia. Foi então que se estabeleceu o princípio: que a Filosofia e a Fé vão de mãos dadas em busca da verdade, sem se excluírem, prestando-se antes mútuo auxílio, e ficando cada uma na sua esfera de domínio, sem ressaibos de antagonia.

Enfim; conjugáram-se todos os esforços sob a mesma inspiração.

*

* *

Sob o ponto de vista da organização social, havia tambem em cada Estado *uma hierarquia firme e poderosa,* que não obstante os seus abusos, comuns a todos os tempos, conseguira estabelecer a ordem no meio de tão profunda anarquia. Á sombra dêste *poderoso baluarte,* os povos seguiram a sua trajectória através o caminho ingreme da história da civilização.

*

* *

Sob o ponto de vista das relações internacionais, havia para todos os Estados um Tribunal Supremo, onde todas as litipendências encontravam a sua última solução. Era o *Tribunal de Roma* ou o *Tribunal Pontifício.*

As sociedades modernas organizáram-se sôbre as bases firmes do feudalismo; insti-

tuìção esta que teve como feliz conseqùência, já o dissemos, o asseguramento da paz, da ordem, da tranquilidade, e o desenvolvimento da vida económica. Eis aqui no que se resolve a grande crise, a *pavorosa crise* dos tempos medievais, que tanto alarmou os espíritos ôcos de bom senso!... Tal designação e conceito ficariam melhor à Renascença, a partir da qual a Europa fica dividida, scindida e trabalhada por princípios contrários, diametralmente opostos.

A Renascença veiu atrofiar a expontaneidade medieval, quebrar-lhe a unidade moral com o martelo do protestantismo, que, rompendo com a autoridade superior de Roma, desfez a cadeia que ligava entre si os povos e os govêrnos. E desde então surgem guerras intermináveis, um estado de agitações incessantes, um teatro de luctas contínuas.

Sim; a Renascença, que apresentam como iniciando os tempos modernos, fomentou guerras religiosas e civis, as mais pavorosas e sangrentas. Parece não restar já dúvida

que a dissolução dessa grande unidade moral foi a causa do profundo enfraquecimento da espontaneidade humana.

A capacidade civilizadora da Edade Média destrui-a o movimento calamitoso da Reforma. A falta de uma autoridade, universalmente reconhecida, tem sido e continuará a ser a causa geradora da profunda decadência das nações. A actual conflagração vai-o confirmando na sua linguagem muda, mas sobremaneira eloqùente.

A Renascença não iniciou uma época de actividade civilizadora; veiu antes quebrar a unidade moral dos povos, quando esta sobraçava já, admirávelmente redigidas, as suas credências com poderes plenos, como sanção da sua obra, que passára à Renascença apenas o certificado da sua prioridade cronológica.

A Renascença trouxe-nos benefícios, é certo; benefícios notáveis mesmo; mas é certo tambem que êles têm sido exagerados, e não sei se compensáram os males que consigo importáram. Não negamos, nem

mesmo o podemos fazer, que a Renascença tenha enriquecido de grandes tesouros a civilização. Não ha dúvida que ela foi um dos mais esplendidos fenómenos intelectuais que brilháram na história da humanidade, desenvolvendo uma poderosa riquesa de génio, dilatando os horizontes do espírito humano; porém, mais uma vez o digo, a proclamação dos seus benefícios tem tocado as raias do exagêro.

A Renascença não foi uma *resurreição* da Antiguidade. Foi antes, e sôbre tudo, o ponto culminante desse desenvolvimento secular, pelo qual a Edade Média, saindo da sua infância, aportava a regiões luminosas superiores.

Foi sem dúvida a Edade Média que depois de tantos ensaios intrépidos, depois de tantos esforços, dobrou o Cabo das Tormentas, descobriu o Novo Mundo, inventou a Imprensa, encontrou, investigando, preciosas riquezas da Antiguidade, ainda sepultadas sob as ruínas dos séculos. A Renascença mais não é que o desabro-

char fecundo duma arvore robusta e viçejante.

No domínio do pensamento, ela, longe de trazer-nos benefícios, tornou-se prejudicial.

O Protestantismo começou com a Renascença no século XVI. Pois bem; desde então, dois princípios opostos se disputam, degladiando-se. Extremam-se duas bandeiras no meio do mundo religioso; dum lado, a dos *católicos;* do outro, a dos *protestantes.* Daqui proveiu a dissolução, uma crise tremenda no mundo das ideias como no da moral, cujas conseqùências funestas se tem feito sentir e dum modo verdadeiramente deplorável.

A Europa, desde a Renascença, ficou dominada por dois princípios diferentes. A unidade medieval cedeu o passo à grande confusão que se apoderou dos espíritos, desorientando-os. A síntese dos tempos medievais logo se desconjuntou, dissociou-se.

*

* *

E seria a Edade Moderna uma época criadora? Não. Seria menos exacto quem tal afirmasse. A Edade Moderna, diz alguem, foi uma *desnacionalização.* Afirmava-o ainda ha pouco um distinto académico na sua dissertação de concurso à *Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.* A Edade Moderna, diz por sua vez Reybaut, veiu atrofiar toda a nossa espontaneidade (1).

«A nossa civilização vai toda mergulhar as suas raizes históricas nos flancos vigorosos dos tempos medievais, e não na Renascença» afirma G. Kurt, essa grande glória da literatura belga, ha pouco falecido. Não. Não ha Edade Média. Ha sim uma sociedade moderna, idêntica a si mesma desde a sua orígem (2).

---

(1) *Étude sur les reformateurs.*

(2) G. Kurt, obr. cit.

A cadeia de ouro que liga entre si todos os séculos cristãos, não tem solução de continuidade; e tudo o que constitue os elementos da nossa civilização brota das fontes de vida inexauriveis, abertas pelo Cristianismo, ha 19 séculos.

Não podemos deixar de reconhecer tambem que os primeiros séculos participáram dos defeitos inerentes a todas as idades infantís, e são mesmo graves alguns deles. Mas ainda uma vez com todas as suas boas qualidades e com todos os seus defeitos, a Edade Média somos nós mesmos, tais como fomos outr'ora e tais como somos ainda hoje em parte, bebendo as nossas inspirações no *Evangelho* e no *Digesto;* preferindo a *Magna Carta* à *Lex Regia* (1).

Se quizessemos dar a definição exacta da Edade Moderna, diriamos que ela é a Edade Média chegada à sua verdadeira maturação. Este nome provisório que os dicio-

---

(1) G. Kurt — *Qu' est-ce que le Mogen Age.*

nários do futuro não conhecerão, na realidade mais não designa que a juventude do mundo moderno.

O Humanismo mesmo, nós o vemos, liga-se à Edade Media por uma série ininterrupta de cadeias que vai de Nicolau V a Petrarcha, de Petrarcha a Dante, de Dante a Carlos Magno, sem solução alguma de continuidade na tradição da Antiguidade (1).

A Edade Média é a época dos *nossos jovens anos*. Nós a saudamos como uma infância sã e vigorosa que não se estiolou nas trevas. Nós a bemdizemos como o início das modernas civilizações.

Somos os legítimos herdeiros da civilização medieval, e não filhos da Grécia e de Roma.

E mais, muito mais se poderia dizer, se se quizesse procurar a verdadeira origem da nossa civilização, fazendo-a remontar ao berço do Cristianismo; pois que Ela começa

(1) Ozanan, ob. cit.

propriamente no momento em que a civilização pagã cai ruidosamente dos seus pedestais, magestosos como o mundo que os erguera, e sôbre as suas ruìnas, ainda tépidas, se levantou o edifício das novas sociedades.

CAPÍTULO IV

Conquistas da Edade Média

A) Sob o ponto de vista religioso:

Acabamos de vêr que a Edade Média lançára os princípios fundamentais da nossa civilização, a base inabalável da nossa sociedade — tudo o que há de mais estável e duradouro. Iniciára os tempos modernos, formára uma civilização nova.

Neste ponto estão de acôrdo escritores ilustres, como G. Kurt, o tão erudito professor belga; Ramcourt, afamado professor da Sorbona; Lavisse e Rambaut, o próprio Chamberlain, e tantos outros. Todos emitem a opinião de que a nossa civilização alguma

coisa tem de superior à civilização medieval, em alguns ramos das suas manifestações; mas não renunciam ao critério legítimo de afirmar que a Edade Média são os nossos tempos nos seus inícios; que a nossa civilização é a medieval, chegada ao seu maior esplendôr.

A Humanidade devia fazer progressos desde então, e fê-los realmente; mas sempre sôbre bases medievais. A Glória que à Edade Moderna compete é a do aperfeiçoamento da organização medieval.

Como se prova?

No campo religioso, é certo que não foi a Edade Média que deu orígem ao Cristianismo; mas foi no seu percurso que se formáram e organizáram os povos modernos sôbre os princípios da Doutrina Cristã; foi na Edade Média que esta se radicou em todas as consciencias, exercendo nelas o benéfico império da sua ordem, da sua disciplina, da sua moral prática e especulativa. Tal é, em parte, o testemunho de Salomão Reinach.

Por seu turno Renan, historiador eminente, pecando apenas, e já não é pequeno defeito êste, por uma grande falta de equilíbrio mental no campo das suas apreciações críticas, cedendo um pouco à paixão sectária porque se deixou dominar — e eis aí a razão porque êle não poderá ser tido como suspeito perante alguem — sim, o próprio Renan, êsse mesmo que havia ha pouco organizado em sistema o seu corpo de doutrinas, negadoras da Divindade de Jesus Cristo, depois de tantos manejos da sua fantasia, cançado já de tantos artifícios de dissimulação, quasi envergonhado, deixára um dia caír-lhe dos lábios estas afirmações categóricas, e de tão grande valor por serem suas: que não se compreende a história do mundo sem a Pessoa de Jesus; que sem Jesus Cristo e a sua Igreja, a história da Humanidade é um problema sem solução.

É admirável e verdadeiramente assombroso o testemunho dessa personágem contemporânea àcêrca da Obra de Jesus. Re-

produzí-lo-hei, porque aliás o reputo interessantíssimo:

«Repousa agora na tua glória, nobre iniciador. Acabaste a tua obra. Fundaste a tua Divindade. Não receies vêr desabar por um êrro o edifício erguido pelos teus esforços. De oravante, fóra do alcance da fragilidade, assistirás do alto da paz divina às conseqùências infinitas dos teus actos. À custa de algumas horas de sofrimento, que nem sequer chegáram a tocar a tua grande alma, granjeaste a mais complecta imortalidade. Por milhares de anos o mundo vai depender de ti. Bandeira das nossas contradições, serás o sinal à volta do qual se hade travar a mais ardente batalha. Mil vezes mais vivo, mil vezes mais amado depois da morte que durante a tua passágem neste mundo, virás a ser a tal ponto a pedra angular da humanidade, que, arrancar o teu nome dêste mundo, seria abalá-lo até aos seus fundamentos. Entre ti e Deus não haverá distinção. Plenamente vencedor da morte, toma posse do teu reino, onde te

hão de seguir pela estrada real que traçaste longos séculos de adoradores» (1).

É verdadeiramente assombrosa, e causa mesmo espanto uma confissão desta natureza e pela boca de Renan! Mas... é um facto.

Estendendo-se ao mesmo tempo por sôbre os romanos e os barbaros, sem fazer distinção alguma de raças e de condições, a Igreja abriu generosamente os seus braços a todos os povos da terra, realizando pela primeira vez o tipo duma família do género humano. Ela já não tinha a temer ser esmagada sob as ruìnas do edifício que tinha abrigado a sua juventude (2).

Percorrendo as gigantescas colecções em que registou os seus actos, tem-se a impressão de que se penetra nas oficinas da civilização e que se vêem ali elaborar as riquezas espirituais das gerações do futuro.

---

(1) *Vida de Jesus.*

(2) G. Kurt — *Origines de la civilisation,* t. I, pág. 227.

«O Cristianismo continua a ser ainda hoje o alimento espiritual de milhões de almas», afirma Wiliam James no seu curso de *Religião Experimental.*

O Cristianismo, — quem o não reconhecerá — foi a única de todas as religiões que nos trouxe um espírito são, uma moral pura, capaz de levantar os povos desse atoleiro de vícios e de corrução em que o tinham lançado as máximas do paganismo. Aqueles mesmos que se retiráram da Igreja Católica continuáram a pôr em prática muitos dos princípios da sua moral. E os códigos legislativos das nações adoptáram-nos nas suas disposições jurídicas.

O abôrto, o infanticídio, e outras tantas práticas que o mundo antigo tinha quasi elevado á categoria de instituìções, foram banidos como repugnantes, como imorais, sob a acção poderosa e influência benéfica da Moral Cristã.

A Igreja foi na Edade Média, e atravéz de todos os tempos, desde a sua orígem, a grande educadora do mundo.

Quem haverá hoje que ainda ignore o que a Igreja fez pela civilização?

Gaston Boissier, o historiador que mais a fundo estudára a agonia lenta do império romano, escreveu tambem estas nobilíssimas palavras: «É hoje quasi um lugar comum sustentar que a Igreja destruiu a antiga literatura, e parece não se duvidar que as trevas da Edade Média são obra sua. Porém, não ha nada que seja menos conforme à verdade, e os que sustentam essa opinião dão a impressão clara de que não conhecem a história da literatura latina durante o império (1). O Catolicismo não é responsável pela decadência literária, porque esta é anterior a Êle.

A decadência começou cêdo. Emquanto Tácito redigia os seus condensados períodos geométricos, foi ainda uma decadência brilhante. Mas o século III é um eclipse sem análogo na história literária. Só os cristãos

(1) *La fin du paganisme*, pág. 64.

conservávam acêsos os círios das *Belas Letras* (1).

Não resistirei ainda à tentação de reproduzir aqui a seguinte passágem que recrutei de Anatole France, no seu *Jardim d'Epícuro:* «Quando se repelirem os dogmas da teologia moral, nenhum meio nos resta de saber porque motivo nos encontramos neste mundo, o que viemos aqui fazer.

O mistério do destino envolve-nos inteiramente nos seus poderosos arcanos. E em verdade, é preciso pensar em nada, para não sentir o trágico absurdo do viver. Num mundo em que toda a iluminação da Fé se apagou, o mal e a dôr perderam até a sua significação, aparecendo-nos apenas como coisas odiosas, ou como farças sinistras».

B) Sob o ponto de vista político:

No campo das instituìções políticas, o Cristianismo operou uma profunda revolução

---

(1) Sr. Dr. Gonçalves Cerejeira, ob. cit.

nos govêrnos. A separação do poder espiritual e temporal foi proclamada, e desta forma lançados os fundamentos da liberdade e garantias individuais. Por outro lado, o sentimento de fraternidade de todos os povos foi-se tornando nobre apanágio de todos os corações.

A organização da *cite antiga* assentava apenas sôbre os dogmas da religião pagã. Cada cidade tinha o seu deus que a tutelava e defendia. As manifestações do culto estavam todas a cargo dos poderes públicos organizados. Estado e Religião confundiam-se, e por isso, defender a pátria era defender o deus que presidia aos seus destinos.

O chefe político era ao mesmo tempo um pontífice *(pontifex maximus)*; a lei era uma *fórmula sagrada*, e por isso, inviolável·

O Estado concentrava em si todos os poderes, tinha a plenitude da competência. Era o *Cesarismo*, um poder que não admitia restrições à sua acção, a não ser aquelas que estivessem de harmonia com os seus interesses.

Eram estes os princípios fundamentais sôbre que assentava a organização da cidade antiga.

Ora, numa organização social, assim moldada, a que ficava reduzida a liberdade de consciência?

Podia ela viver no meio dêste estado de coisas? Desta concepção de princípios?...

Veiu o Cristianismo, porém, e desde logo se operou uma revolução complecta nas regras e nos princípios em que se apoiava o organismo dos povos da Antiguidade, cujo dogma fundamental, no código das suas instituìções, era que cada um deus protegesse exclusivamente uma província, uma cidade, uma família. Religião, política e govêrno unificávam-se, visando o mesmo fim, embora sob aspectos diversos Como conseqùência necessária o homem estava sujeito ao Estado por seu corpo, por sua alma e por seus bens. O ódio contra o extrangeiro era obrigatóriamente prescrito, e desconhecido era tambem o princípio da solidariedade. As noções

àcêrca do direito, do dever, da justiça e da afeição, restringiam-se apenas aos limites da cidade.

Começou, porém, do cimo do Gólgota, a raiar a luz do Calvário, no meio dêste séquito de aberrações do espírito humano; e desde logo o direito e a política, como a moral, as ideias, como os princípios, se modificáram, se transformáram até aos seus fundamentos; e a política e a religião definiram tambem desde logo a sua individualidade substancial, desprendendo-se para se integrarem em orgãos distintos, prestando-se, todavia, mútuo auxílio.

A cidade antiga deixou de ser governada pela religião nacional, porque ela já estava decadente, desacreditada, e por isso, sem fôrças para impôr-se. É que o vaticínio de Virgílio, exarado através as pérolas místicas dos seus sublimes carmes, quando da sua lira brota em tom profético o «*Magnus ab integro sæculorum nascitur ordo*», tinha já desvendado o veu da figura, definindo a sua realidade.

Era, finalmente, chegado o tempo da depuração do sentimento religioso, que em breve retomára vida e vigor; e a crença, sob a forma cristã, recuperou o império das almas.

A Religião Cristã não era já a religião doméstica dalguma família, o culto dalguma cidade ou raça. Desde o seu começo Éla estendeu os seus braços a todos os povos, à humanidade inteira.

O sentimento de igualdade e amor fraternal desceram, par a par, as encostas do Calvário. O ódio, êsse artigo fundamental no código das legislações antigas, fôra apagado com o Sangue do Crucificado.

Jesus Cristo rompera as muralhas da separação e das inimizades. Os atenienses tinham prestado o seu culto á Pala de Atenas, os romanos acreditado no Júpiter do Capitólio, sendo a prática de qualquer culto um privilégio de que só os nacionais gozavam.

O Cristianismo, porém, veiu apresentar ao mundo, como único e verdadeiro Deus, um Ser Universal, um Deus de todos, dou-

trina tão decisiva no futuro progresso do pensamento humano (1).

Dêsde o dia em que Jesus Cristo disse ao indivíduo: « Amae a Deus acima de todas as coisas, e ao próximo como a vós mesmos, por amor de Deus »; ao cidadão « Dá a Deus o que é de Deus, e a Cezar o que é de Cezar »; ao Estado « Procura primeiro o reino de Deus e a sua Justiça », — dêsde êsse dia, dêsde essa hora, surgiu uma moral nova, um novo direito, um outro ideal social.

A separação do poder espiritual e temporal, principio completamente ignorado da Antiguidade, onde, como acima disse, o Estado possuia o corpo e a alma dos cidadãos, teve como feliz resultado a libertação das consciências. A alma do homem fôra dêsde então frustrada á acção dos poderes públicos, que tinham sôbre os seus subditos todos os direitos, toda a supremacia.

---

(1) Foustel de Coulanges, *La Cite A.*

O que era o Estado de Platão e de Aristóteles! ... Tudo ali era sacrificado aos interesses da vida pública.

Condenavam-se á morte os recemnascidos aleijados, defeituosos, porque eram reputados prejudiciais aos progressos da vida social.

Suprime-se a familia, preconisa-se a comunidade de bens, a promiscuidade de sexos, a desigualdade do género humano, considerada como uma instituìção justa e necessária.

«Ha homens que nasceram para ser livres; outros para ser escravos». Tal era o dogma fundamental da filosofia aristotélica.

Com o Cristianismo, porém, tudo muda — as leis, as ideias, os principios, as instituìções e a moral.

As sociedades organizam-se sôbre novas bases, sôbre novos conceitos, mais puros e universais.

O império romano, tão estreitamente abraçado ao antigo principio do seu direito de império sôbre as almas e sôbre os corpos, não deveria ceder de bom grado a essas

suas *tão essenciais prerrogativas.* E foi o que sucedeu. Lutou até á morte. Mas, com o andar dos tempos e sob a influência cristã, uma grande transformação se operára nas instituìções e nos governos: proclamára-se a separação dos poderes. No meio de tantos desvarios reconheceu-se que o Estado era por si incompetente para legislar em materia de religião.

O Cezarismo, o absolutismo imperial, o unitarismo desfizeram-se, substituindo-se-lhe o particularismo na política e no direito, e a universalidade na religião.

Na antiga Roma, uma autoridade havia só: era o Cezar. As legiões romanas, dispersas pelas províncias, mais não faziam que cumprir cegamente as suas ordens.

A esta unidade, porém, substituira a Edade Média uma pulverisação do poder, caraterisada no regime feudal.

C) Sob o ponto de vista individual:

1) *A favor dos escravos;*

2) *A favor da mulher.*

O que a Edade Média fez em prol dos escravos e da mulher, jámais póde deixar de fazer vibrar, em coração algum, écos profundos da mais profunda gratidão.

1) *A favor dos escravos.*

Foi bem intensa a acção da Igreja no sentido de melhorar a condição dos escravos. As ordenações legislativas medievais, e já as leis romanas, a partir de Constantino, umas e outras inspiradas nas doutrinas do Evangelho, prescrevem terminantemente que sejam postos em liberdade todos os que o seu senhor tenha forçado á apostasia; concedendo mais que os bispos pudessem, por sua própria autoridade, manumitir os escravos que se encontrassem sob o dominio do clero. As legislações, quer de caracter eclesiastico, quer civil, traduziram sempre o seu desvêlo na grande obra de protecção aos escravos. E as régras das ordens monasticas admitiam á profissão religiosa, não só as pessoas de condição livre, mas também as de condição servil.

Carlos Magno, seus sucessores, e bem assim todos os concílios francos, decretam a proibição rigorosa da venda dos escravos para fóra dos limites do império, e mesmo dentro deste, o trafico da escravatura, aí pelos fins do século x, é apenas um facto excepcional, continuando-se na Inglaterra até ao século XII, e na Suécia até ao século XIII.

É assim que, pouco a pouco, o escravo vai conquistando a sua liberdade, à luz bruxuleante, mas não mortiça, dos lampadários medievais. Esta emprêsa, de realização difícil, vinha já de longe. Valentiniano I, por uma lei sua, tinha decretado a não permissão de venda de escravos rurais, a não ser que esta se fizesse juntamente com o solo por êles cultivado (1).

---

(1) Vid. *Cod. Just.*, XI, XLVII, 7. Lavisse e Rambaut -- *Hist. Gen.*, T. II. Paulo Allard -- *Les esclaves chrétiens.*

A grande obra da reabilitação das classes servis, levada a efeito por êsse poderoso organismo, a que um autor chamou a *poderosa gestação dos tempos medievais,* resume-a Lavisse e Rambaut nestas palavras: «Dans les pays, les plus civilisés, oú l'évolution du servage á la condition d'homme livre s'est fait plus rapidement, elle était déjà presque complète au XII siècle; il ne restait que des paysans livres» (1)

Os concílios de Toledo ocupáram-se a sério da classe escravizada, deliberando neste sentido: — *proìbição ao senhor de castigar o escravo a ponto de lhe infligir a morte.* Essas disposições ordenavam mesmo que se punisse severamente o senhor que mutilasse o seu escravo (2).

Foi-lhe reconhecido pouco a pouco o direito de *alienar* alguns bens, sem que para

---

(1) Tomo II, pág. 13, ob. cit.

(2) *Cod. Wisig.*, liv. V, tit. 5.º, lei 6.ª

isso precisasse de consentimento. O *Jus connubii*, embora restrito a princípio, fôra-lhe tambem garantido por lei. A libertação foi lenta e por fases, é certo — *servidão, colunato adescripticio, colunato voluntário* e *condição inteiramente livre*; mas assim devia ser.

Uma prática, tão profundamente arreigada no ânimo de todos os povos, considerada mesmo como uma instituìção necessária da sua organização social, e agitada ainda de perto pelo sôpro das doutrinas aristotélicas, não podia ser cortada dum só golpe, nem por meios violentos; só pela persuasão, podia ser imposta, sob pena de graves conflitos, o que vinha deslustrar à Edade Média e à Igreja o seu carácter tão sábiamente conciliador.

2) *Em prol da mulher:*

Que era a mulher na antiga Roma? Que foi a mulher na Edade Média?

Começarei por fazer as minhas considerações, chamando a atenção do leitor para

as palavras autorizadas do laureado académico Estêvão Lamy, secretário perpétuo da Academia Francesa, recrutadas do seu livro — *La Femme Demain*, escrito com tanta arte, com tanta elegância, contra aqueles que vêem uma verdadeira irreconciliação entre a elevação da mulher pelo Cristianismo e as suas tendências ascéticas.

Nestas palavras, duma tão sã filosofia, Estêvão Lamy aprecia e abençoa em prol da mulher essas tendências místicas. Elas dizem assim na tradução portuguêsa:

« O grande Deus do paganismo era o prazer. A sociedade pagã, fazendo servir tudo á voluptuosidade, desde as conquistas até á escravatura, das riquezas até ao génio das artes e cantos dos poetas, chegára mesmo a submeter o espirito ao dominio da carne. O Cristianismo, porêm, era a submissão da carne ao espirito. Foi nos sacrificios impostos a esta carne que Êle reconheceu os seus. Áqueles que aspiram á perfeição, impôe a

virgindade ou a continência; aos que querem viver a vida ordinária e perpetuar a espécie, impõe a lei dum casamento que une um só homem a uma só mulher e para sempre.

Este jugo de castidade, principal obstaculo ao triunfo do Cristianismo, não pesava igualmente sôbre o homem e sôbre a mulher. Se esta virtude assegurava ao homem as recompensas da vida futura, riscava, sem compensação imediata, da vida que êle tinha organisado a seu gôsto, a liberdade dos prazeres.

Pelo contrário, a ruptura com estes importava para a mulher uma compensação ainda neste mundo.

Como o prazer é todo egoista, para o pagão, ocupar-se da mulher era a perfeição do egoísmo. Ele jámais pensára em averiguar se as alegrias que pretendia dela, a tornavam mais feliz, melhor, ou se a sacrificavam e sem escrupulos. Aos olhos sensuais do homem, sómente importava o corpo da mulher.

É que êle deseja-a sem a estimar, e possue-a sem gratidão. Amar a mulher, sómente

pela sua beleza, é amar a beleza de todas aquelas que parecem belas, e desprezar as que o não são ou deixaram de o ser .....

....

Praticar as virtudes impostas pelo Evangelho com fôrça de lei, era impôr-se ao homem pelo respeito, definir a sua missão no lar doméstico e a sua grande influência na sociedade. Em troca da licenciosidade, a Nova Religião oferece á mulher, ainda neste mundo, a dignidade e a honra. Os que desejam que ela se sujeite a êste jugo, não esperam dela nada daquilo que os outros homens lhe pedem; e as praticas que lhe ensinam a tornarão incapaz das fraquezas que constituem a esperança dos outros homens. Não é para felicidade dêles que se ocupam da mulher, mas para felicidade dela. E tudo isto fazem com uma solicitude desinteressada. Desde então a rudeza que eles prodigalisam á sua beleza, á sua graça, converte-se na mais terna doçura ....

....

....

É a importância da alma que lhe atestam; é a dignidade do que se desprezava. É a sua coragem, bondade, e dedicação que eles lhe fazem despertar na alma, estimulando-a».

Eis como em tão poucas palavras, Lamy diz verdades tão profundas.

A civilização antiga desprezava a mulher. A inferioridade desta não era apenas uma ideia consagrada nas legislações de todos os povos da Antiguidade; mas um sentimento normal, profundamente radicado nas ideias e nos costumes. Hesiodo resumiu numa frase imortal o sentir da Antiguidade, quando definiu a mulher «*um belo mal*». Ela, a infeliz, resignada à sua sorte, desconhecia o tesouro que trazia em si; faltava-lhe a revelação cristã da sua alma (1).

---

(1) Sr. Dr. Gonçalves Cerejeira, ob. cit.

A mulher na sociedade antiga era um mero instrumento de prazeres, destituìda de razão e de vontade, variando a esfera da sua acção, conforme a civilização e o meio social em que vivia. No fundo, porém, de todas as civilizações antigas, estava como pedra basilar o desprezo pela mulher.

Naquelas mesmas em que as leis consagravam uma certa igualdade entre os sexos, como em Sparta, a mulher reconquistava a sua liberdade à custa do seu pudôr, sacrificando no altar da pátria, à qual era preciso dar filhos robustos, aqueles dons que são a principal fôrça do seu encanto, e de todo o encanto do seu sexo.

A mulher era ainda ignorada. A degradação feminina estava profundamente radicada no ânimo de todos os povos. Era um facto moral, mais que um facto legal, proveniente da concepção pagã da vida, cuja lei suprema era o prazer; e fazer do prazer o fim da vida, era consagrar o egoismo.

Para o egoismo masculino, a mulher era apenas um instrumento do seu aperfeiçoa-

mento. Para a sua reabilitação era necessária uma revolução moral nas ideias e nos costumes. Era mister mudar o eixo do mundo. Ao Cristianismo cabe a honra de o ter feito.

Sim; o Cristianismo, com o seu vigor ascético, restituiu à mulher a sua dignidade perdida; fez dela um ser puríssimo, elevada como uma visão de luz acima do fogo das paixões. O Cristianismo revelou-lhe o mundo grandioso da sua alma rica e imortal; levou-a a novas descobertas das virtudes mais heroicas. O homem foi pouco a pouco compreendendo o que havia de puro e de bom dentro dela e amou-a por ela mesma.

O Cristianismo fez mais ainda: conquistou para a mulher a admiração do homem. O homem começou desde então a vêr nela um ser, não só igual, mas ainda superior a si mesmo. O ascetismo cristão era solicitude desinteressada pela mulher: revelára-lhe a alma.

É tambem interessante o testemunho de Charles Gide a respeito da grande obra da

reabilitação da mulher por intermédio do Cristianismo: «A emancipação da mulher pelo Cristianismo encontrava um obstáculo mais poderoso ainda nas tendências materialistas do paganismo».

A Sr.ª D. Virgínia de Castro e Almeida, no seu livro — *A Mulher*, por entre o reverberar das suas contradições, em que é tão fecunda, emite afirmações que são, sem dúvida, de um verdadeiro alcance.

«Durante dois séculos, afirma ela, os mosteiros ofereceram à mulher uma educação superior à que lhe era dispensada na vida profana. Aprendem as línguas clássicas e algumas sciências; e então a mulher, apenas se instrue, dá mais uma vez provas da sua capacidade, da sua inteligência, do seu critério, da sua bondade, da grandeza da sua alma».

«E assim, no meio da ignorância geral da Edade Média, afirma o Sr. Dr. Gonçalves Cerejeira (1), o Cristianismo é o

(1) Ob. cit., n.º 3.º

educador mais esclarecido da inteligência feminina».

O Cristianismo não veiu contrariar a natureza humana, como alguem tem afirmado; veiu antes elevá-la. Não amaldiçoou o amor conjugal; fez dêle um dever.

Elias Pécaut e Carlos Baude vêm ainda iluminar com uma frase célebre o espírito daqueles que afirmam o que não é, muitas vezes porque não viram, ou vendo a realidade, a ofuscáram mentindo: «A mulher não sai da Edade Média, tal como tinha entrado. Ha nela uma profundeza de candura, de pureza que só o Cristianismo lhe podia prestar».

A arte da Edade Média pôs nela o que a alma cheia de fé sentia; e o que ela sentia àcêrca da mulher dizem-no aqueles ilustres críticos da arte...

Mas ha mais ainda. Os códigos medievais, informados todos por princípios cristãos, elevaram em breve à categoria de instituìções jurídicas os preceitos divinos em que assentava a elevação da alma da mulher.

O que a mulher era na antiga Roma!... e o que foi na Edade Média, já na época wisigótica!...

Proíbe-se ao marido exercer sobre ela um poder despótico (1); poder que lhe era reconhecido pelo antigo direito, sendo-lhe ao mesmo tempo permitido quebrar os laços que tão rigorosamente a prendiam ao pátrio poder (2).

A mãe conquistou pouco a pouco o direito de tutéla legitima (3), a legitima defeza dos seus direitos e tantas outras garantias da sua personalidade, que a Antiguidade lhe negára.

D) Sob o ponto de vista artistico.

A nossa Edade é ainda neste ponto filha legitima da Edade Média. Pois, o que é a

---

(1) *Cod. Wisigothico*, liv. III, tit. I, lei 5.ª.
(2) *Cod. Wisigothico*. Liv. IV, tit. 3.º, lei 3.ª.
(3) *Cod. Wisigothico*. liv. III, tit. I, lei 8.º.

história das nações europeias, já desde muito longe, senão uma lucta constante entre o espírito da Antiguidade e o espírito medieval, sôbre tudo no campo da Literatura? A luz da Edade Média não se extinguira com o vento impetuoso da Renascença. Nem mesmo podia ser, pois que ela aspergira com seus raios cristalinos as vestes da infantilidade das nações... Averiguado está hoje em face da história, já noutro logar registei o facto, que a Renascença mais não é que a Edade Média chegada á sua maturação; é o desabrochar primaveril duma arvore robusta.

Os écos tradicionais, nas suas fórmas mais ou menos nitidas, não deixáram de repercutir-se atravez o século do renascimento clássico. E mais tarde, quando as fontes de inspiração, por êle fornecidas, acusavam já uma certa acrimónia nos licôres que derramavam, eis que a Edade Média surge do esquecimento, com todo o seu espírito criador, sempre robusto e vicejante, correndo a humedecer com a esponja da

sua tradição, as já exaustas inspirações do génio.

Orgulhosa pelas suas conquistas e cheia de júbilo pelas fulgurações do seu engenho, ela volta com todo o vigor das suas instituìções, com toda a fôrça da sua alma, do seu sentimento, da sua fé viva, da sua candura.

E se agóra me preguntássem qual o espírito hoje predominante em todas as manifestações da inteligência humana — se o espírito da Antiguidade, por intermédio da Renascença, se o espírito medieval, por intermedio de si mesmo, eu, sem receio de errar, afirmaria que é êste último o que mais está prevalecendo.

No mundo das letras, por exemplo, não são hoje os temas da Edade Média, os temas nacionais, os que maior consagração têm, verificando-se ainda o mesmo sob outros aspectos de natureza diversa?

« O século XIX, diz Brunetière, foi desde a mais alta Renascença, o século em que se veiu operar uma transformação mais

radical na própria noção da obra literária, do seu objecto, do seu destino e dos conseqùentes meios da sua realização». E, com efeito, a literatura do século XIX em toda a Europa, mais não é que uma reacção deliberada contra o ideal clássico, cujo objecto, Petrarca e Bocácio «os primeiros dos modernos», tinham determinado já. Na pessoa destas duas personágens encontramos nós mais uma vez definida a «poderosa gestação da Edade Média», como a grande e única causa impulsiva do renascimento quinhentista.

Na arquitectura nota-se tambem a mesma tendência para o regresso às formas medievais. «As mentiras e as pompas da Antiguidade fizeram a sua época, afirma André Pératé (1). Toda uma tradição, já exausta e glacial se desmorona, e os povos da Europa, longe de criar, tratam apenas de renascer».

---

(1) *Un Siécle*, pág. 617.

Disputam os artistas o objecto do ideal, e no meio do scepticismo a que conduziram as formas e a mania clássica, Viollet-le-Duc — o grande arquitecto francês, começa a apologia, sem reservas, da arte da Edade Média, e a aplicação exclusiva dos princípios da arte gótica.

Êste despertar dos espíritos para o mundo da tradição nacional, em breve se faz sentir em todas as nações do mundo europeu.

Viollet-le-Duc refugia-se obstinadamente no estudo da Edade Média. Teórico admirável, seus escritos como sua obra monumental, dominam a sua época e difundem ao longe a doutrina neogótica. Foi com êsse espírito artístico medieval que êle restaurou Notre-Dame de Paris, e que em Vézelay, Tolosa e Carcassona reedificou muitas igrejas que se achavam em ruìnas.

À semelhança da França, a Alemanha, durante longo tempo presa à Renascença clássica, da qual muitos edifícios procedem, dá toda a sua actividade à renovação da Edade Média. A Inglaterra, essa não espe-

rou o exemplo da França. Desde há muito que ela possuia um apóstolo fervoroso da arte gótica —Welby Pugin — que inspira, se êle próprio não executa, a decoração maravilhosa do palácio de Westminster. A beleza gótica encontrou ainda no professor Ruskïn um caloroso entusiasta.

Todas estas tendencias e esforços com os seus efeitos, são ainda confirmados pelo facto seguinte: é que a magestosa ponte que atravessa o Tamisa, levantada em 1894, assenta sobre quatro grandiosas torres góticas.

E) Sob o ponto de vista scientifico.

Nas sciências, a Edade Moderna suplantou, excedeu os tempos medievais. É um facto, cuja verdade ressalta do menor confronto entre as duas edades. Mas será isto motivo de admiração? Não. Assim tinha que ser, assim devia ser. De contrário desapareceria o conceito do progresso intelectual dos povos.

Mas tambem podemos desde já advertir que ali se fixáram como axiomas certas leis e principios, cuja natureza os tempos modernos aceitáram sem alteração, nem modificações.

No campo da filosofia, por exemplo, as controversias excitadas na França como na Alemanha e na Italia, pelo *tradicionalismo* e *ontologismo,* tinham já feito sentir em Roma a necessidade do regresso à filosofia christã da Edade Média, principalmente à de Santo Thomaz d'Aquino.

De resto, afirma Jules Didiot, só aqui se encontram aliadas ao mesmo tempo a clareza e a profunda razão das coisas; a simplicidade e a grandeza; a experiencia e o raciocinio, a audácia e a prudencia, quando se procura explicar o mundo interior ou exterior, segundo suas causas mais intimas e seus principios mais essenciais (1).

---

(1) *Un Siécle,* pág. 401.

Este regresso aos principios da Escolastica, iniciado na Itália com Liberatore e Taparelli, em breve se comunica à França, onde tem como principais representantes Mgr. Rosset, Bourquard e outros.

Na Espanha, Gonçalez patrocina a mesma causa; e na Alemanha o exemplo é seguido pelo jesuita Klentgen.

No mundo das sciências físicas e da astronomia, a Edade Moderna é ainda uma participante legítima dos princípios scientíficos, concebidos e formulados á luz da Edade Media.

*

*　*

E como todo o movimento scientífico medieval encontrou em Dante o mais perspicaz investigador, o analista mais profundo e consciencioso, não resistirei à tentação de encerrar esta primeira parte do meu trabalho, sem fazer algumas considerações, embora muito genéricas, à memória grandiosa dêsse

génio portentoso que fez palpitar sob sua pena cristalina a história de toda uma época dez vezes secular.

Dante!... Quem era?

Se me fôsse a mim dado dispôr de tempo suficiente, sem prejuizo dos meus afazeres, requerendo sempre uma realização metódica, e quasi sempre satisfação imediata, do esbôço, embora rápido, da sua vida como *homem* e como *escritor*, ressaltaria, com caractéres mais ou menos nítidos, essa figura deslumbrante, essa personágem verdadeiramente notável e grandiosa, onde o mundo civilizado tem ído libar o nectar das suas mais sublimes inspirações.

— Quem é Dante?!

É a repercussão longínqua dos écos robustos de toda uma edade, quasi dez vezes secular; êsse farol brilhantíssimo, que por si só seria suficiente para iluminar os tempos chamados «medievais»; êsse génio portentoso que legou à posterioridade todo um mundo rejuvenescente; é o florir opulento duma época grandiosa, desabrochando em

caudais de sentimento, perfumes de amor, vergeis de esperança; em conceitos da mais sã filosofia e scentelhas de sciência; em elevadas concepções de ideal e fulgurações de literatura.

— Quem é Dante?...

Iniciarei os traços da sua biografia pela reproducção duma página admirável que recrutei na obra literária de um dos seus maiores admiradores.

«Ah! O infortúnio, longe de abalar, alevanta as almas nobres! O infortúnio é a pedra de toque do génio. Só o infortúnio póde dar exercício às virtudes e desenvolver o germe do seu heroismo. As adversidades e as árduas circunstâncias acrisolam os grandes caractéres; fazem soltar os vôos aos grandes talentos; dão nova vida e nova fôrça ao espírito. Sem estes abalos e estas vicissitudes crueis, não se teria conhecido a virilidade heroica de muitos homens, nem estes mesmos se teriam conhecido a si mesmos! É preciso agitar os licôres odoríferos para que eles exalem os seus perfumes... Não

basta que os perseguidos da fortuna se resignem; necessário se torna que resistam com toda a constância, com toda a magnanimidade, mostrando-se dignos do papel que aprouve à Providência fazer desempenhar neste mundo das mais amargas provações, misteriosas escadas que conduzem à imortalidade».

Com alguma razão enquadrei esta série de períodos no esbôço biográfico dêsse génio grandioso, iniciando-o mesmo. Êles são como que a súmula da sua vida, explicando ao mesmo tempo o *homem* e o *escritor*. Mas de qualquer forma, a ideia por êles expressa é devéras eloquente.

§ 1.º — Dante, o homem

A que fontes deve recorrer quem quizer estudar a sério a vida de Dante? Muitos são os trabalhos de que poderá e deverá valer-se, diversos de carácter e de valor histórico.

Geralmente conhecido é o princípio que para conhecer um escritor, é necessário conhecer-lhe os escritos, que são por via de regra a parte primitiva e o mais fiel espelho do homem, do seu carácter e modo de pensar; e universalmente conhecido é tambem o princípio que os escritores costumam estampar nas páginas dos seus livros todos os caractéres da sua individualidade.

Além dos dados biográficos que êles encerram, contêm elementos preciosos, apoiados nos quais nós vamos, de indução em indução, até à descoberta de grandes verdades. Ora, em nenhum escritor como em Dante se verificam os princípios acima enunciados. Nas diversas criações dêste génio, verdadeiramente excepcional, temos, não sómente o genuino retracto da personágem, e a história autêntica do desenvolvimento gradual do seu pensamento; mas ainda uma cópia de preciosas notícias, relativas às vicissitudes exteriores da sua vida.

Desde a *Vita Nuova*, em que o jovem poeta narra poéticamente e sob veste ale-

górica a história dos seus infantis amores, até à *Questão da Água e da Terra*, um tratado admiravel de sciências físico-naturais, encontramos por toda a parte um repositório interessantíssimo de notícias biográficas e alusões a vicissitudes da sua vida. Todas as suas obras, pois, devem ser consideradas como a fonte primacial da sua vida intrinseca e extrinseca.

Assenta nos factos seguintes o esbôço biográfico da vida de Dante: — nascêra em Florença no mês de Março de 1265. Seus pais, Alighiero e Bela, eram de nobre linhágem, descendendo da mui nobre família Cacciaguida, donde já eram oriundos os Alighieri de Ferrara. O próprio Dante se refere a essa nobre procedencia logo no comêço do capítulo xvi do *Paraìzo.*

No baptismo recebeu o nome de Durante, de que Dante é uma abreviação.

Quando ainda muito jóven, tivera a infelicidade de perder seu pai. Contava nove anos apenas, idade em que uma outra amargura, não menos intensa, viéra imprimir-lhe

na alma êsse estigma de vaga melancolia que êle deixa naturalmente transparecer nas principais maravilhas do seu génio. Estas circunstâncias exerceram uma influência decisiva sôbre toda a sua vida. Refiro-me aos seus amores com a jóven Biatriz, filha dum tal Folco Portinari, tambem florentino. Nasceram êsses afectos, quando a jóven menina contava apenas oito anos.

Mais adiante veremos que foi precisamente nestes amores com Biatriz que Dante personificou o seu entusiasmo pela Teologia.

Da sua primeira educação encarregou-se Bruneto Latini, donde lhe proveiu o entusiasmo pelas letras clássicas e pela filosofia. Foi por intermédio dêste seu primeiro mestre, a quem jámais deixára de ser reconhecido, que Dante se pôs em contacto com os poetas antigos, objecto para êle duma admiração quasi religiosa.

Desde então a sua imaginação não mais deixou de confraternizar com a imaginação e o espirito de Virgilio que o acompanha em todas, ou pelo menos na maior parte

das criações da sua fantasia. A sua viagem *ao inferno*, toda aquela série de episódios, aquelas descrições magistrais, aquelas suas visões de filósofo, de analista!... Mas a estas considerações outro logar está reservado.

Dante Alighieri cursou sucessivamente as universidades de Bolonha, Padua e París, onde se dedicou dum modo especial ao estudo da Teologia. Os estudos das sciências físicas foram tambem para êle particular objecto das suas atenções.

Aos 25 anos de idade, Biatriz, que era todo o enlevo da sua alma, é-lhe pela morte arrebatada; facto este que lhe acarretou maguas pungentissimas, e fez derramar lagrimas amargas. Biatriz morrera, mas a saudade que dela sentira jámais se apagára no seu coração. Dante celebrou-a na sua «Vita Nuova» em versos cheios de amor e imortalisou-a na *Divina Comédia*, tornado o imortal monumento da sua glória.

Mais ou menos coagido pelos seus amigos, esposou M.elle Gema Donati, da familia

dos Donati, casamento que parece não ter sido dos mais auspiciosos.

Dêsse matrimónio houve seis filhos, que foram pouco dignos da gloria de seu pai.

Tal é, muito em resumo, o esbôço biográfico da sua vida particular. Pelo que respeita á sua vida publica, é tambem agitadissima a sua história, prendendo-se profundamente com os acontecimentos que então se estavam desencadeando, sôbre tudo ao norte da Itália, scindida em dois partidos — *guelfos e gibelinos.*

Filho duma familia guelfa, Dante combatêra, desde o principio, ao lado dos guelfos contra os gibelinos. Porém, vitima duma traição, fôra proscrito da pátria pelos seus. Não obstante, a sua prudência e firmeza, de sobejo conhecidas, proporcionáram-lhe no exílio uma atmosfera de considerações.

Bocacio diz dele: « Nenhuma legação era ouvida, a nenhuma se respondia; nenhuma lei se promulgava, nenhuma se derrogava; nenhuma guerra publica se dava, sem que Dante fosse consultado e ouvido. »

Quatorze vezes fôra enviado como embaixador a junto de diversos príncipes. E em 1300, de 13 de junho a 15 de Outubro, contámo-lo no número dos *priores* — a primeira dignidade da República.

O desempenho de um tal cargo foi para êle a fonte de todas as desgraças do resto da sua vida.

J. Vilani conta assim a sua morte «Em 1321, no mez de setembro, morreu o grande e valente poeta, Dante Alighieri, de Florença, na cidade de Ravena, após o seu regresso duma embaixada a Veneza, ao serviço do senhor de Ravena, junto do qual Dante vivia».

§ 2.º — Dante, o escritor

Com o título de — Traduzione dantesche — foi inserido no «*Observatório Romano*» um belo artigo, a 23 de abril de 1869.

Começava assim: «É certamente para nós italianos uma ufania e uma gloria

singular ver que os doutos engenhos de todas as nações se aplicam, talvez mais do que nós, ao estudo e interpretação do máximo entre os nossos poetas».

É assim que os maiores vultos da Itália actual traduzem a sua grande admiração pelas obras do «sumo vate»

Em todos os seus escritos, não só em verso mas tambem em prosa, se mostra Dante o homem de sentimento profundíssimo, e de engenho, maravilhosamente perspicaz.

Comsigo trouxe êle ao mundo o talento, o desejo de imergir-se nas águas do misticismo e de levantar os seus tabernáculos nos áridos desertos da Escolástica.

Dante Alighieri avançou tanto, foi tão longe, que na esfera da razão nada lhe ficou por explorar.

*

*   *

É muito peculiar da alegoria de Dante ligar-se a um facto, a uma pessoa real, e

idealizar depois êsse facto, transfigurar essa pessoa, a ponto de o seu carácter real e histórico desaparecer, confundindo-se inteiramente com a significação moral ou metafísica de uma personágem alegórica.

É natural que *a dama piedosa* que continuára a alimentar o sentimento de Dante, gerado sob a influência dos amores de Biatriz, fosse efectivamente uma personágem real, verdadeira; sem dúvida uma das mais belas e virtuosas damas de Florença, que se supõe ter sido M.elle Gema Donati, a qual, por qualquer circunstância, Dante considerava como sendo a personificação da filosofia, da sabedoria humana, e que dezoito meses depois da morte de Biatriz, se tornára sua esposa. Mas ainda que Gema, *a dama consoladora,* tenha sido, como Biatriz, uma pessoa real, Dante, segundo o seu costume, não a cantára como tal na sua poesia de trovador. Êle não se ocupára dela em seus versos, como fizéra com Biatriz; mas sim em relação ao seu carácter simbólico, ou como personificação intelectual, moral ou metafísica.

E qual seria a ideia de que Gema ou a *dama consoladora* podia ser símbolo na poesia de Dante? Era a filosofia.

Em uma das suas obras, no *Convito,* escrita muitos anos depois, e a qual contêm um comentário às suas *Canzoni,* o poeta indica claramente qual o carácter simbólico *da dama consoladora,* exprimindo-se assim: «A dama de que me enamorei, após os meus primeiros amores, foi *a mui bela filha do Imperador do Universo,* à qual Pitágoras deu o nome de filosofia».

É evidente, pois, que, qualquer que fôsse o amor que Dante houvesse dedicado à *dama consoladora,* ou à sua futura esposa, Gema, decerto não a cantou na sua poesia, se não como símbolo da filosofia.

E agora pregunta-se: como deveria Dante Alighieri conceber o seu amor a Gema, personificação da filosofia, em relação ao seu outro amor a Biatriz, personificação da Teologia? Segundo o valor que na sua mente ocupava aquela, em relação a esta.

Para compreender o seu juizo sôbre o valor relativo de ambas, cumpre lembrar ainda que na Edade Media, sôbre tudo antes do século XIII, a filosofia não tinha uma existencia independente da existencia do Dogma. Viviam confundidos, constituindo uma sciência única.

*

* *

Dante, dedicando-se à poesia, compuzéra, de 1293 a 1298, uma série de cantos líricos que diferiam, no objecto e no tom geral, das poesias do primeiro periodo das suas produções literárias; porque êle celebrava nas suas canções, não já a Biatriz, simbolo da Salvação, mas *a dama consoladora* — a filosofia. Quer dizer: em Dante, como filósofo e como lírico, temos a considerar duas fases: na primeira, a sua imaginação perde-se nas aridas regiões da metafisica; na segunda ocupa-se ainda das questões filosóficas, mas que êle simbolisa em Gema, como

em Biatriz tinha simbolisado a Teologia, a Fé Christã.

Devemos, porém, notar que Dante, não obstante o seu apêgo ás sciências filosóficas, não chegou ao ponto de admitir a absoluta independencia destas relativamente á Teologia, aceitando mesmo, com os espiritos mais autorisados do seu tempo, o acôrdo e submissão da filosofia à Teologia.

*

* *

As primeiras obras de Dante foram as *canzoni* e os *sonetos*, entre os quais se não póde estabelecer uma ordem cronológica exacta.

As suas produções são quasi todas em italiano, tendo em latim o opusculo — *De Monarchia Mundi* — em que expõe a necessidade da separação do poder espiritual e temporal; e o *De Vulgari Eloquio* — em que procura provar que o dialecto italiano substitue muito bem o latim.

Em italiano escreveu: *La Vita Nuova*, por nós já conhecida, em que descreve o seu amor por Biatriz, e o *Convito*, que, como vimos, é um comentário ás suas *canções.*

Mas a sua obra prima, que é o monumento mais importante da literatura italiana, e um dos mais importantes das literaturas mundiais, é a «*Divina Comédia*»; poêma em tres cantos — o *Inferno*, o *Purgatório* e o *Paraizo* — expressões da Justiça Divina, da sua Misericórdia Infinita e da Gloria Eterna.

Aqui se encontra fielmente retratado o estado miserando da sociedade italiana no decurso dos séculos XIII e XIV.

A Divina Comédia veiu, por assim dizer, resumir em si toda a Edade Média, antes que ela se afundasse nos abismos dos tempos.

§ 3.º — Apreciação crítica

A Divina Comédia!... o que é? — O que é essa repercussão do génio, elevada ás mais complexas concepções do ideal? — O que

é êsse cirio, sempre acêso e flamejante, que tanta luz tem espargido sôbre todos os povos do mundo, dando solução a tantos problemas da sua vida intelectual, moral e social?

A Divina Comédia, como a define um escritor Brazileiro, é «o simbolo gracioso do templo de Sião; um lampadário gigantesco de que pendem raios de luz, alumiando através os séculos a esfera indefinida do pensamento humano; é um fóco inextinguivel de luz intelectual; o «*fiat lux*» que rasgou o cáos da Edade Média».

A Divina Comédia é um poêma alegórico, teológico e filosófico, sem dúvida o mais profundo e original da Edade Média.

Nela aproveita o poeta, mui sabiamente, as ideias do seu tempo, cria ficções novas e dá corpo ás abstracções da metafisica.

Na Itália fundáram-se escolas para comentar e explicar êste *assombroso trabalho*, que é o fruto duma vasta erudição e duma poderosa imaginação poética.

Ninguem, como Dante, afirma Simões Dias, poude aliar tão intimamente, a crença,

a sciência e a poesia. «A fama de Dante, prêsa por uma cadeia de ouro às azas dos séculos, diz Pinto de Campos, tem-se dilatado cada vez mais. Apenas divulgado o seu enorme poema, foi recebido com universal admiração».

Os mais abalisados literatos, como os mais humildes filhos do povo, liam e copiávam aqueles versos sublimes, que eram, à porfia, decorados e repetidos em todas as academias, em todas as assembleias e oficinas, e até mesmo nas prisões.

Por toda a parte surgiram glosas e comentários, destinados a salvaguardar da acção destruìdora dos tempos *êsse grande monumento*.

Meio século depois da morte do poeta, Florença criava uma cadeira de literatura dantesca, à qual subia Bocácio, no domingo 3 de Outubro de 1337, para explicar aos netos dos concidadãos contemporâneos de Dante, as verdades profundas, encerradas no seu canto imortal.

Milão, Veneza, Piza e outras cidades, se-

guiram-lhe o exemplo, erigindo cadeiras dantescas.

Dante Alighieri foi grande teólogo, político irrepreensível e filósofo consumado. Na sua *personalidade homérica* reùniu tudo o que a filosofia tem de mais transcendente, e a Teologia de mais consolador e terrível.

Antes de Ozanan, Dante não era conhecido como filósofo. Até então ninguem tinha pensado no modo como êle discorrêra sôbre todos os mais árduos problemas de metafísica, de moral, de política e religião: problemas que agitávam tão vivamente os mais altos engenhos, nos últimos três séculos da Edade Média. Foi Ozanan que, pela sua propensão para as estudos filosóficos, conseguiu tornar conhecido o espírito da filosofia dantesca, expondo-a regular e metódicamente.

Para isso, foi-lhe necessário recolher todas as ideias filosóficas, difundidas em todos os seus escritos, em todos os seus trabalhos.

O espirito filosófico de Dante irmana, nos seus principios fundamentais, com a filosofia de S. Tomaz d'Aquino, e de Alberto Magno, que, como sabemos, atingiu o seu explendor no século XIII.

A obra de Dante é, no arrojado do desenho e na grandiosa mestria da execução, o mais arduo conhecimento do espirito humano; a mais poderosa aliança entre o espirito criador e o espirito tradicional; o amplexo profundo da poesia dos tempos que fôram com a poesia das edades novas.

Em Dante verificou-se o bem conhecido lema de Aristóteles: «A poesia é mais verdadeira que a história». «Ninguem, afirma um escritor, foi mais dominado da sua obra; ninguem escreveu sob o golpe de comoções mais sinceras, nem seguiu com mais lágrimas o desenvolvimento do seu ideal».

Mas Dante não se perdera só nos vagos horisontes da fantasia; já o provámos, chamando a atenção do leitor para o seu espírito, verdadeiramente filosófico; êle observou, investigou, deduziu.

A *Questão da Água e da Terra*, obra a que já me referi, é, na verdade, um importantíssimo documento para a história das sciências físicas, e ao mesmo tempo um monumento da vastidão, do engenho e do valor de Dante.

O insigne geólogo, António Stoppani, diz dele:

«Eu creio ser de suma importância para glória do grande homem e da Itália, assim como para a história das sciências físicas, que esta *dissertação dantesca* seja apreciada e divulgada um pouco melhor do que o tem sido até hoje.

Pesando bem todas as verdades, sôbre tudo as que se referem à cosmologia, presagiadas, demonstradas e afirmadas nestas poucas páginas do sumo poeta, póde dizer-se que Dante foi o maior escritor da Edade Média. Nele se encerram verdades scientíficas de ordem física, tão profundas, que as sciências modernas mais não têem feito que confirmá-las, aceitá-las, tirando delas infinitas aplicações racionais ou práticas».

Sem dúvida! Muitas verdades que são hoje axiomas no mundo da sciência, já naqueles tempos não escapáram à perspicácia profética de Dante Alighieri.

Demonstrou como principios scientíficos: — ser a lua a causa principal das marés; — a igualdade do nível do mar, a força centripeta e a esferecidade da terra; — o agrupamento boreal dos continentes; — a atracção universal e a elasticidade dos vapores como fôrça motriz. E o que é ainda mais para admirar é que Dante, falando de leis ou de factos naturais, não vai procurar as provas dêles no abstracto dos princípios aristotélicos, nas transcendentes subtilezas da metafisica ou da Teologia; mas sim nas leis da natureza, quanto melhor se podiam então demonstrar pela observação, pela experiência ou pelo cálculo. Êle não diz, por exemplo, que a terra é redonda, porque a esférica seja a mais perfeita entre as diversas formas dos corpos; mas porque a lei da gravitação determina que um líquido não póde atingir o seu estado

de equilibrio, emquanto todos os pontos da sua superficie não estiverem equidistantes do centro de atracção. Tais são, segundo o testemunho do profundo geólogo António Stoppani, os princípios scientíficos a que conduziram as acuradas investigações de Dante Alighieri.

Mas ha mais. Outras verdades que são hoje axiomas no mundo da sciência, não escapáram já á sua perspicacia tão profunda. A saber: indicou claramente os antípodas e o centro de gravidade da terra; fez engenhosas observações sôbre as scintilações das estrelas, e sôbre o arco-íris. Fez mais ainda: antes de Newton, atribuiu á lua o movimento de fluxo e refluxo; antes de Galileu, atribuiu o amadurecer das frutas à luz que faz exalar o oxigénio. Antes de Lineu, deduziu a classificação dos vegetais, segundo os seus orgãos sexuais; antes de Leibnitz, notou o princípio da razão suficiente; antes de Bacon, estabeleceu a experiência como fonte do saber. Donde se infere que tambem Dante foi um dos que

na Edade Média tiveram profunda admiração pelo método experimental, como meio eficaz para aquisição de verdades scientíficas.

Êle mesmo o corrobóra claramente numa das suas obras:

«*Da questa instanzia può deliberarti,*
Esperienza, si giammai la pruovi,
Ch'esser suol fonte à rivi di vostr'arti» (1).

Quer dizer: «Desta objecção póde livrar-te a experiência, se quizeres alguma vez tentá-la; porque a experiência é a fonte, é o fundamento de todas as sciências e artes humanas».

Em face destas indicações, quem não dirá que Dante foi tão vate na poesia como nas sciências modernas?

....

Mas... o que é a Edade Média?

Resumindo: a Edade Média chocou todo o movimento social que se lhe seguira. Nós somos os herdeiros legítimos de tudo aquilo que ela produziu. As nossas instituïções são as suas, chegadas ao maior des-

(1) *Paraizo*, C. II, 94.

envolvimento, diz G. Kurt. A Edade Média pôs termo à escravatura, chamando todos os povos à liberdade — trabalho secular êste, que consistiu em desfazer, anel por anel, a cadeia da escravidão.

A Edade Média quebrou a unidade imperial do mundo, substituindo-lhe as nacionalidades.

A Edade Média criou as línguas modernas, pelas quais o latim foi sendo insensivelmente iliminado; a Edade Média abraçou a Fé Cristã com amor e combateu por Ela sôbre todos os terrenos, e com todas as suas armas.

A Edade Média fez do Papado a instituíção mais respeitada do universo; inaugurou a distinção do espiritual e temporal; a Edade Média fundou a monarquia constitucional e o governo representativo, duas coisas ignoradas da Antiguidade e hoje indispensáveis á existência politica dos povos.

....

O que é a Edade Média?

Isto e muito mais do que isto.

ERRATA

PÁG.	LINHA	ÊRRO	EMENDA
XIII	19	sôbre	sob
49	12	Dissimila-lo	Dissimula-lo
85	16	Vraie	Vrai
93	16	Credencias	Credenciais

ÍNDICE

Dificuldades na emprêsa VII

Prólogo IX

Capítulo I — O que é a Edade Média . . . 19

Capítulo II — Lendas da Edade Média . . 27
§ 1.º — Concílio de Macon 30
§ 2.º — Os terrores do ano 1000 . . . 33
§ 3.º — Miséria. 38
§ 4.º — A ignorância na Edade Média . 47
§ 5.º — Feudalismo 70
§ 6.º — A lépra 77

Capítulo III — A Edade Média, uma época orgânica. 81

Capítulo IV — Conquistas da Edade Média: 101
Sob o ponto de vista religioso . . . 101
» » » político. . . . 108
» » » individual . . . 115
» » » artístico . . . 128
» » » scientífico . . . 133

Dante 135
§ 1.º — Dante, o homem. 138
§ 2.º — Dante, o escritor 144
§ 3.º — Apreciação crítica 150

Errata 161

ACABOU DE IMPRIMIR-SE
ESTA OBRA NA : : : : :
IMPRENSA ACADÉMICA,
DE COIMBRA, NO MÊS DE
ABRIL DE MIL NOVE-
CENTOS E DEZÓITO : : :